

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH III
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

REBECA MUNIZ DOS REIS

**REPERCUSSÕES DISCURSIVAS DA COVID-19
NO BRASIL E NO MUNDO**

**JUAZEIRO - BA
2022**

REBECA MUNIZ DOS REIS

**REPERCUSSÕES DISCURSIVAS DA COVID-19
NO BRASIL E NO MUNDO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Departamento de Ciências Humanas do Campus III da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Josemar da Silva Martins (Pinzoh)

**JUAZEIRO-BA
2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Regivaldo José da Silva/CRB-5-1169

R375r Reis, Rebeca Muniz dos
 Repercussões discursivas da Covid-19 no Brasil e no mundo /
Rebeca Muniz dos Reis. Juazeiro-BA, 2022.
 54 fls.: il.
 Orientador: Profº. Dr. Josemar da Silva Martins.
 Inclui Referências
 TCC (Graduação – Pedagogia) – Universidade do Estado da Bahia.
Departamento de Ciências Humanas. Campus III. 2022.
 1. Pandemias – Brasil. 2. COVID-19. 3. Repercussão de discurso.
4. Lições das pandemias. I. Martins, Josemar da Silva. II. Universidade do
Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 610.72

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH III
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

REBECA MUNIZ DOS REIS

REPERCUSSÕES DISCURSIVAS DA COVID-19
NO BRASIL E NO MUNDO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Departamento de Ciências Humanas do Campus III da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

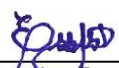
Orientador: Prof. Dr. Josemar da Silva Martins (Pinzoh)

Aprovado em: 23 de julho de 2022.

Banca Examinadora


Prof. Dr. Josemar da Silva Martins (Pinzoh) – UNEB/DCHIII
(Orientador)


Profa. Dra. Aurilene Rodrigues Lima – UNEB/DCHIII
(Avaliadora)


Profa. Dra. Eliã Siméia Martins dos Santos Amorim – UNEB/DCHIII
(Avaliadora)

Aos que perderam pra nunca mais achar.
Sobreviventes.

AGRADECIMENTOS

Nada teria acontecido se eu não tivesse ao meu lado o meu Deus, ele é antes de mim e será eternamente. Sinto-me honrada em ser chamada de sua filha e receber o cuidado de um Deus tão amoroso. A minha vida é dele, a minha trajetória na universidade foi dele e o meu diploma eu entregarei em suas mãos. Obrigada, meu Senhor, por tudo o que tens feito, por tudo o que não fez e pelo que ainda vai fazer.

Serei eternamente grata aos meus pais que, juntos e incansavelmente, conseguiram o grande feito de sustentar a mim e às minhas irmãs na cidade de Juazeiro, morando no interior. Samuel e Vitória, meus queridos pais, sempre acreditaram que a busca por conhecimento era o melhor caminho e me deram o apoio necessário para que eu chegasse aqui. Obrigada, pai e mãe, amo vocês.

Agradeço às minhas irmãs, que suportaram meus momentos de altos e baixos na trajetória universitária e foram a minha principal rede de apoio, durante esses cinco anos. Incluo nessa rede de apoio as minhas tias, que foram segundas mães e cuidaram de mim e das minhas irmãs como suas próprias filhas. Agradeço também à minha família: tios, primos, avós e aos que foram chegando.

Também sou grata ao meu orientador, professor Dr. Josemar Pinzoh, o responsável pela ideia desta pesquisa. O professor Pinzoh pensou e criou o projeto *Lições de Sinistro* e os subprojetos derivados deste. Agradeço por ter sido recebida como monitora voluntária em um grupo de iniciação científica onde aprendi tanto, juntamente com os meus colegas de jornada: Álvin Soares (monitor bolsista) e Glícia Lopes (monitora bolsista). Neste projeto eu fui instigada a pesquisar e montar um bom material de registro desta pesquisa, sempre muito bem orientada por Pinzoh e amparada pelos colegas de pesquisa. Muito obrigada, *Lições de Sinistro*.

Também agradeço à minha banca examinadora: Profa. Dra. Aurilene Rodrigues Lima e Profa. Dra. Eliã Siméia Martins dos Santos Amorim. Eu tive o privilégio de conhecer as duas professoras no período da pandemia e sei que, juntas, enfrentaram a situação pandêmica com força e coragem. Eliã e Aurilene estiveram presentes nessa caminhada durante o curso, aprendi muito com cada uma das duas e, certamente, levarei as experiências construídas através delas para toda a vida. Muito Obrigada.

Aos meus amigos que foram a minha melhor companhia na UNEB durante esses anos: sou feliz por ter recebido vocês de presente da universidade, vocês fazem parte da minha história e foram peça chave na minha carreira acadêmica. Alguns permaneceram até o fim, outros seguiram outros caminhos e fizeram questão de me levar junto. Amo vocês pra sempre.

Aos amigos que a universidade não me deu, esses já eram meus antes dela. Era na alegria dos nossos encontros que eu esquecia todos os trabalhos que tinha pra entregar, esquecia a pressão de uma universidade pública e que vinha junto a ela. Sou grata a vocês e, principalmente, ao que me viu chorar e me ajudou a levantar, por ser mais do que amigo.

Menciono aqui também a igreja da qual faço parte, por ter orado junto comigo nas manhãs de sábado ou nas madrugadas durante a semana. Agradeço à escola bíblica por ter me ensinado a fazer as coisas com zelo e alegria.

Um dia meu pai disse a mim que eu nunca saberia de tudo, sempre haveria algo novo a aprender. Ele estava certo. Estou empolgada para a próxima fase. Mas nem preciso saber o que virá a seguir, o meu Deus tem o controle de todas as coisas.

“Mas em todas essas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou.”
(Bíblia Sagrada)

RESUMO

Esta escrita é decorrente de minha participação como voluntária no projeto de Iniciação Científica do professor Josemar Martins Pinzoh, denominado LIÇÕES DE SINISTRO: O AFETAMENTO DA EDUCAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO PELOS OS EVENTOS LOCAIS DE GRANDE MORBIDADE, e se dedica aqui a apontar, aproveitando a experiência no projeto citado, algumas das principais **repercussões discursivas da COVID-19 no Brasil e no mundo**, pela via do estudo literário e bibliográfico. Tem como objetivo principal “*Estudar, de modo exploratório, as repercussões discursivas da COVID-19, inserindo-a no quadro da memória histórica das pandemias, e analisando o modo como as disputas de narrativa afetaram o enfrentamento prático da pandemia*”. Para alcançar este objetivo, a escrita fará uma aproximação com a noção de pandemia em seu contexto geral, e da memória dos eventos históricos, sobretudo pela via literária, ou através de obras científicas a respeito de eventos específicos, passando, portanto, principalmente, pela Peste Negra e pela Gripe Espanhola, para estabelecer um quadro de referências de como a humanidade lida com eventos deste tipo. Depois, o estudo foca no acontecimento da COVID-19, sobretudo no aspecto das controvérsias que ela suscitou, com base em obras que já foram publicadas entre 2020 e 2022, a exemplo de livros como: *A cruel pedagogia do vírus*, de Boaventura de Sousa Santos; *Sopa de Wuhan e Filosofia Viral*, ambos organizados por Giorgio Agamben; *Coronavírus e a luta de classes*, organizado por Mike Davis, e outros igualmente importantes que ainda devem ser listados. Num terceiro momento, o estudo procura discutir as repercussões da COVID-19 na sociedade atual, as disputas de narrativas a respeito de como isso afetou o enfrentamento prático da pandemia.

Palavras-chave: Pandemias; COVID-19; Discurso; Lições das pandemias;

ABSTRACT

This article is a result of my participation as a volunteer in the project of Scientific Initiation of the teacher Josemar Martins Pinzoh, called LESSONS FROM SINISTER: THE AFFECT OF EDUCATION AND COMMUNICATION BY LOCAL EVENTS OF GREAT MORBITY, and is dedicated here to point out, taking advantage of the experience in the mentioned project, some of the main *discursive repercussions of COVID-19 in Brazil and in the world*, through literary and bibliographical studies. Its main objective is "To study, in an exploratory way, the discursive repercussions of COVID-19, placing it in the framework of the historical memory of pandemics, and analyzing how the narrative disputes affected the practical confrontation of the pandemic". To achieve this goal, the writing will approach the notion of pandemic in its general context, and the memory of historical events, mainly through the literary route, or through scientific works regarding specific events, thus mainly going through the Black Death and the Spanish Flu, to establish a frame of reference of how humanity deals with such events. Then, the study focuses on the event of COVID-19, especially on the aspect of controversies that it raised, based on works that have already been published between 2020 and 2022, such as books like: *The Cruel Pedagogy of the Virus*, by Boaventura de Sousa Santos; *Wuhan Soup and Viral Philosophy*, both organized by Giorgio Agamben; *Coronavirus and the Class Struggle*, organized by Mike Davis, and other equally important ones yet to be listed. In a third moment, the study seeks to discuss the repercussions of COVID-19 in today's society, the disputed narratives regarding how this has affected the practical coping with the pandemic.

Keywords: Pandemic. COVID-19. Discourse. Lessons from pandemics.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	METODOLOGIA	16
3	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
3.1	PESTE NEGRA	18
3.2	GRIPE ESPANHOLA	23
3.3	A PANDEMIA DE CONVID-19	26
3.4	A PANDEMIA DE COVID-19 NA VIDA DE MULHERES	30
4	REPERCUSSÕES DISCURSIVAS DA CONVID-19	33
4.1	O DISCURSO	33
4.2	DISCURSOS SOBRE A COVID-19 NO BRASIL E NO MUNDO	35
4.3	REPERCUSSÕES DISCURSIVAS SOBRE A COVID-19 EM ÂMBITO LOCAL	40
5	UM ESPAÇO PARA UMA MEMÓRIA PARTICULAR NA PANDEMIA DA COVID-19	43
6	CONCLUSÕES: LIÇÕES DAS PANDEMIAS	46
7	REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

*“Essa não foi a primeira vez
É fácil de imaginar
Uma morte de repente
Um sintoma familiar
Uma família que sente*

*Vacina não havia
Quando a doença surgia
Era só um boticário
Com aromas e folhas
Em um ambiente precário*

*Gente vendendo rato
Rato sendo criado
Criado morrendo de fome
E rico comendo ao lado*

*Muita coisa aconteceu
Muita gente morreu
Sem ao menos ser tratada
A ciência não tinha vez
E a pesquisa, banalizada*

*O tempo passou
O tempo chegou
E junto com ele, outra doença
Recebeu o nome de corona
Porque se parece com uma coroa
E sem discriminar,
contamina qualquer pessoa.*

*Para uns é a natureza pedindo arrego
Para outros, um experimento do governo*

*Até o presidente
Que devia ser coerente
Diz que é só uma gripezinha.*

*De uma coisa eu sei
O vírus é real
E a doença pode ser fatal.
Coitado do Brasil
Enterrou mais de 500 mil
Pura imprudência
Culpa da presidência.*

A humanidade carrega consigo um histórico de violência, tragédias, combates e ainda, doenças contagiosas que tiveram grande proporção no processo de organização da sociedade atual. Algumas dessas doenças se espalharam por outros países, contaminaram e mataram muitas pessoas pelo planeta. A esse alcance mundial de uma doença epidêmica foi dado o nome de *Pandemia*, que significa literalmente “enfermidade epidêmica amplamente disseminada”. O mundo enfrentou a mazela das endemias quando a medicina ainda era um terreno pouco conhecido, a pesquisa científica não existia e as questões que surgiam eram explicadas com base no catolicismo. Nesse tempo as coisas boas e ruins eram explicadas com base na crença em Deus da religião católica, então com a história das pandemias não foi diferente, a doença era entendida como um castigo de Deus e a vacina era suicídio.

Nesse contexto, esta escrita fará um apanhado sobre as principais pandemias na história humana, entender os seus desdobramentos na sociedade e onde surgiram, organizá-las em uma ordem cronológica e comparar umas às outras quanto à organização em sociedade e contenção dos problemas. A primeira pandemia que se tem notícia foi causada pela Varíola, ela reagia no organismo com os mesmos sintomas da gripe, além de causar irritações na pele. Segundo os registros históricos, a varíola surgiu na África antiga e perdurou por mais de 2 milênios (IAMARINO, 2009) A vacina que conteria a varíola só foi criada no século XX e, mesmo sendo uma doença tão antiga, algumas pessoas rejeitaram a vacina por ser feita a partir do pus da vaca. Entretanto, essa invenção foi a pioneira para a criação das vacinas que vieram posteriormente, e a moléstia da Varíola impulsionou o desenvolvimento sanitário em muitos países. Outra doença que alcançou uma vasta região do planeta foi a chamada *Peste*

Negra, que também ficou conhecida como *Peste Bubônica* porque seus principais sintomas eram os inchaços nos gânglios (axilas, virilhas e pescoço). Esse foi um período muito difícil para a Inglaterra, que lidou de frente com a peste e teve seus milhares de habitantes arrasados pela doença. Ao contrário da varíola, a peste bubônica não teve uma vacina para ser contida, segundo registros como *Um diário do ano da peste* (DEFOE, 2014) e *Morte Negra* (SMITH, 2010), a epidemia foi perdendo a força ao longo do tempo, com as medidas de segurança tomadas na época e/ou com a migração da população de Londres para os interiores, os números de mortes foram diminuindo até se tornar algo irrisório. Nessa época, a Inglaterra era dominada pela igreja católica, toda e qualquer coisa que acontecia no planeta era creditada às forças espirituais. Assim, alguns registros mencionam o final da epidemia falando somente que Deus poupou a cidade de Londres e acabou com o sofrimento.

Além de outras tantas doenças que surgiram ao longo dos séculos, houve também a gripe espanhola, que devastou muitos lugares pelo mundo e matou entre “20 e 40 milhões de pessoas” (SOUZA, 2008), inclui-se nesses milhões de pessoas uma parte do povo brasileiro, pois a gripe espanhola, assim como outras epidemias, alcançou o Brasil. Entretanto, para compreender melhor como as doenças chegaram ao Brasil é necessário fazer uma viagem no tempo e voltar à época das grandes navegações, quando os europeus iniciaram o processo de colonização das Américas, quando os colonizadores europeus trouxeram uma série de doenças nas condições precárias das embarcações. Quando a doença aportou no país, a Bahia foi a primeira região que lhe recebeu e que usou de todos os seus recursos para se proteger da doença. As doenças trazidas pelos colonizadores foram muitas, foi assim que o Brasil foi apresentado às pestes externas.

Nessa perspectiva, o contexto de doenças ao longo da história da humanidade serve para nos mostrar que o mundo e a sociedade em que habitamos, nem sempre foram assim, entretanto, recentemente nos vimos obrigados a enfrentar outra realidade pandêmica: a da COVID-19. O vírus passou a ser chamado de novo coronavírus porque a humanidade já enfrentou outras epidemias por coronavírus. A primeira epidemia (pelo vírus da família do coronavírus) foi a Síndrome Respiratória Aguda Severa – SARS COV. Essa pandemia aconteceu por volta de 2002-2003, na China, e teve cerca de 8 mil casos 774 óbitos. Outra vez a humanidade foi exposta ao vírus da família do coronavírus e sofreu duras perdas pela peste. No momento em que escrevo este texto, a pandemia de COVID-19 no Brasil ainda é real, ainda mata pessoas e uma grande parte do povo brasileiro continua não acreditando na veracidade do vírus, inclusive o presidente vigente do país, Jair Bolsonaro.

Durante esses mais de 2 anos de pandemia, filósofos, profissionais da saúde, e demais pessoas habitantes do planeta Terra buscaram teorias e formas de explicar a pandemia covidiana, o que se obteve dessa busca desenfreada por respostas são as mais variadas concepções de uma pandemia. Tendo em vista posicionamentos tão distintos, é perceptível que se estudado a fundo, o mundo dos eventos sinistros pode ser desvendado e ter as suas ideias recicladas para serem utilizadas com outro propósito, o de aprender com os acontecimentos ruins. Sendo assim, o estudo desta escrita foi realizado a partir do subprojeto *ESTUDO DAS PANDEMIAS COM FOCO NA COVID-19: suas repercussões discursivas e afetamentos dos campos da educação e da comunicação*, vinculado ao projeto *Lições de Sinistro*, que busca investigar e refletir acerca de acontecimentos específicos de cunho calamitoso, entre eles, *A guerra de Pau de Colher*; *O derramamento de vinhoto no Vale do São Francisco* e o evento que deu base a este trabalho, *A história das pandemias*. O título escolhido para este projeto foi pensado para contemplar os campos da educação e da comunicação, visto que o projeto foi desenvolvido a partir do núcleo de educação e comunicação da Universidade do Estado da Bahia, campus III.

Para que a pesquisa fosse realizada com êxito, definimos como objetivo geral: Estudar as repercussões discursivas da COVID-19, inserindo-a no quadro da memória histórica das pandemias, e analisando o modo como as disputas de narrativa afetaram o enfrentamento prático da pandemia. A partir daí, foram estabelecidos objetivos específicos que nortearam o andamento da pesquisa, foram eles: 1- Estudar a memória histórica das pandemias através de obras da literatura, bem como de algumas obras científicas sobre eventos específicos como a Peste Negra e Gripe Espanhola; 2- Estudar as repercussões, divergências e controvérsias sobre a pandemia da COVID-19 em obras digitais publicadas entre 2020 e 2022; 3- Analisar, de modo geral, no contexto discursivo, a disputa de narrativas, incluindo a perspectiva negacionista e como isso afetou o enfrentamento prático da pandemia no Brasil e no mundo.

Entretanto, o ano de 2020 teve como plano de fundo uma pandemia que alcançou boa parte do planeta, o Brasil foi contaminado pela COVID-19 e teve que adotar medidas de segurança e suspender o contato físico entre as pessoas, para conter a propagação do coronavírus. Por esse motivo, o projeto *Lições de Sinistro* aconteceu de forma remota, com encontros 100% online, pela plataforma do Google Meet. Durante o projeto, o professor Pinzoh, em conjunto com o grupo de pesquisa ECuSS - Estudo dos Modos Contemporâneos de Existência em Educação, Cultura, Sustentabilidade e Subjetividade, propôs uma live no Youtube para falar sobre os desdobramentos da pandemia de COVID-19. A live aconteceu no

dia 14 de dezembro de 2020, finalizando as atividades do grupo ECuSS no ano de 2020 e teve como tema *Um diário de um ano em pandemia*, fazendo alusão à obra de Daniel Defoe, já comentada nesta escrita. Participaram da live a professora Edneide Torres (IF-Sertão/Petrolina), mediadora da reunião; o professor Alexandre Barreto (Colegiado de Psicologia/ UNIVASF); Chico Egídio (Produtor Cultural/Janela 353); professor Josemar Pinzoh (PPGESA/UNEB); e eu, Rebeca Muniz (aluna de Pedagogia/DCH III/UNEB). A pauta que foi levantada na live perpassou os espaços da psicologia, da arte e cultura, da educação e da sociedade como um todo. Para mim, essa foi uma experiência singular que o projeto me permitiu viver, pude aprender e compartilhar saberes com uma equipe de profissionais empenhados que compuseram aquela “mesa”. A live foi gravada e registrada no youtube, o link estará disponível em anexo ao final deste artigo.

A fim de cumprir com os objetivos estabelecidos, realizamos pesquisas e leituras a respeito da temática aqui discutida, caracterizando o trabalho como uma pesquisa bibliográfica. Assim, esta escrita busca entender, através da história das pandemias e das diferentes perspectivas, como as disputas de narrativa afetaram o enfrentamento prático da pandemia, fazendo uma aproximação com a noção de pandemia em seu contexto geral, e da memória dos eventos históricos, sobretudo pela via literária, ou através de obras científicas a respeito de eventos específicos, passando, portanto, principalmente, pela Peste Negra e pela Gripe Espanhola, para estabelecer um quadro de referências de como a humanidade lida com eventos deste tipo. Depois, o estudo foca no acontecimento da COVID-19, sobretudo no aspecto das controvérsias que ela suscitou, com base em obras que já foram publicadas entre 2020 e 2022, a exemplo de livros como: *A cruel pedagogia do vírus*, de Boaventura de Sousa Santos; *Sopa de Wuhan* e *Filosofia Viral*, ambos organizados por Giorgio Agamben; *Coronavírus e a luta de classes*, organizado por Mike Davis, e outros igualmente importantes que ainda devem ser listados. Num terceiro momento, o estudo procura discutir as repercussões da COVID-19 na sociedade atual e as disputas de narrativas a respeito dela e como isso afetou o enfrentamento prático da mesma.

Assim, esta monografia, está estruturada, além desta introdução, com os seguintes capítulos; no primeiro capítulo, discutimos a metodologia adotada para o trabalho; no capítulo segundo apresentamos a fundamentação teórica, trazendo elementos tanto literários quanto teórico-científicos sobre a história das pandemias; no capítulo terceiro trazemos um foco mais específico sobre as repercussões discursivas suscitadas pela COVID-19 - embora seja uma parte mais empírica, como este estudo se trata de uma pesquisa bibliográfica, esta parte é

também constituídas de referências de leituras, no entanto, este capítulo inclui também as repercussões discursivas da COVID-19 em âmbito local, trazendo a perspectiva do discurso contido nas lives do ECuSS. O quarto capítulo traz uma narrativa mais pessoal de como eu vivi a experiência da pandemia; O capítulo de conclusão apresenta um recorte sobre as lições das pandemias passadas, como forma se encaminhar possíveis lições que a COVID-19 pode nos deixar.

Compreendo que nada mais oportuno, neste momento, do que estudar e escrever sobre um tema que está em pleno acontecimento, nos afetando a todos e todas, indistintamente. Nada mais oportuno do que escrever sobre uma pandemia, vivenciando o acontecimento em questão, reunindo e analisando variações discursivas e narrativas distintas que afetam o enfrentamento da pandemia e, em decorrência, afetam nossas próprias vidas.

METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos aqui estabelecidos, foram aproveitados os estudos já feitos sobre a história das pandemias, bem como foram realizados novos estudos bibliográficos, a princípio de material literário, mas também de material teórico, que trazem o panorama histórico das pandemias, como a Peste Negra ou Bubônica, a varíola, a febre amarela e a Gripe Espanhola, nos inserindo no tema mais amplo da pandemia, para posteriormente focar na COVID-19, a partir de obras que foram publicadas em formato digital entre 2020 e 2022, e que abordam aspectos distintos da Pandemia de COVID-19, como sua relação com o poder, seus efeitos na economia, no meio ambiente, na humanidade, no estilo de vida etc. Num terceiro momento, faço uma análise de como essas distintas narrativas sobre a pandemia criaram embaraços em seu enfrentamento prático.

Este estudo filia-se à abordagem qualitativa e caracteriza-se como um estudo bibliográfico exploratório e analítico, que inclui textos teóricos e literários e, eventualmente, pode incluir outras fontes, como o cinema. Em termos de vinculação epistemológica específica, o estudo vincula-se à proposta da pesquisa-criação, conforme discutida por Pinzoh (2012), que advoga a profunda relação existente entre o ato de *pesquisar* e o de *criar*, por um lado, ou entre o ato de *criar* e o de *pesquisar*, por outro lado. Em termos de análise, o estudo vincula-se à Análise do Discurso, que será uma linha teórico-conceitual a ser realizada, e busca responder, dentro das condições dadas, à pergunta de como isso afetou o enfrentamento prático da pandemia da COVID-19.

Considerando o evento da pandemia e as particularidades dos sujeitos que enfrentaram esse fenômeno, a escrita desta monografia seguirá princípios da pesquisa qualitativa “que defende o estudo do homem, levando em conta que o ser humano não é passivo, mas sim que interpreta o mundo em que vive continuamente” (OLIVEIRA, 2010, p. 2). Lessa de Oliveira, para explicar o conceito da pesquisa qualitativa, também afirma que “os estudiosos que se dedicam a esse tipo de pesquisa são chamados de interpretacionistas e afirmam que o homem é diferente dos objetos, por isso o seu estudo necessita de uma metodologia que considere essas diferenças” (2010, p. 2). A história da humanidade é carregada de muitas doenças, epidemias e pandemias e em todos esses momentos houve um fator variável em comum: o homem, mais precisamente, a forma como este reagiu ao acontecimento. Aliada aos princípios da pesquisa qualitativa, esta escrita também será de cunho exploratório, entendendo melhor as

pandemias e os contextos onde foram inseridas. PIOVESAN e TEMPORINI (1995) definem o termo *pesquisa exploratória* a partir da ideia de QUEIRÓZ (1992, p. 321) que diz:

A pesquisa exploratória, ou estudo exploratório, tem por objetivo conhecer a variável de estudo tal como se apresenta, seu significado e o contexto onde ela se insere. Pressupõe-se que o comportamento humano é melhor compreendido no contexto social onde ocorre.

Desse modo, sendo este o resultado de uma pesquisa de cunho qualitativo e exploratório, sua melhor desenvoltura só poderia ser pelos pressupostos da pesquisa bibliográfica, já que para se entender o contexto onde se deram as pandemias passadas, é necessário ir em busca do que se tem registrado a respeito, pesquisar as falas e discursos que rodearam esses acontecimentos. Para isso, a melhor metodologia de pesquisa é pelo viés da bibliografia.

Entende-se por pesquisa bibliográfica a revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico. Essa revisão é o que chamamos de levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica, a qual pode ser realizada em livros, periódicos, artigos de jornais, sites da Internet entre outras fontes. (PIZZANI et. al, 2012, p. 54)

Assim, a pesquisa bibliográfica demanda um período de tempo específico, pois atua de forma trabalhosa e minuciosa na busca e conhecimento do seu objeto de pesquisa. Para concluir a fundamentação desta pesquisa e com fins de registrar todo o material encontrado e explorado, o trabalho seguirá uma linha de escrita livre, aberta aos desdobramentos da pesquisa e às possibilidades da criação de outras temáticas oriundas desta. Essa ideia tem suas raízes na proposta da pesquisa-criação que, mesmo quando registra e reflete a respeito de acontecimentos passados ou ideias de outros, abre caminhos para novas experiências,

produzindo um novo lugar para tais conteúdos e, ao mesmo tempo, produzindo novos conteúdos, uma atualização dos saberes e dos sentires que coloca em movimento novos processos subjetivos, novas experiências, novas excedências de si e do mundo: a própria imprevisibilidade dos desdobramentos de uma pesquisa – aquela *negatividade* inerente, cujos efeitos jamais podem ser previstos, pois apenas colocam-se em curso, precipitam-se – é a principal expressão dessa excedência. (PINZOH, 2012, p. 55).

Sendo assim, o ato exploratório do material bibliográfico somado à livre escrita e à proposta de pesquisa-criação trabalhará com um intuito de exceder em ideias e propostas de estudo a respeito de tudo que se pode reunir de uma pandemia, ou a respeito de tudo o que uma pandemia pode reunir.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A história das pandemias reuniu um grande acervo de materiais empíricos, livros, artigos científicos, matérias em jornais e revistas, ou até produções audiovisuais que conseguiram ilustrar, satisfatoriamente, o horror desses eventos. Por isso, o projeto *Lições de Sinistro* teve à sua disposição um vasto campo de pesquisa para organizar o *core* de suas questões, com a seguinte dinâmica: durante a semana, o professor orientava os integrantes da equipe a estudar um material específico para cada tema; no dia da reunião online, o conhecimento construído era compartilhado e discutido com o professor e os demais monitores.

Viver uma pandemia é o próprio sinistro da história, e presenciar todas as idas e vindas da pandemia da COVID-19 causou em mim a curiosidade de entender como a humanidade lidou com as pandemias passadas, como foram os desdobramentos dessas pandemias, o que houve de diferente ou semelhante e o que se pode reaproveitar na lida com as pandemias que se seguiram. Por isso, seguimos explorando materiais de pesquisa, coletando informações e entendendo a história e os afetamentos das pandemias ao longo do tempo.

PESTE NEGRA

O livro *Um diário do ano da peste* (DEFOE, 2014) teve um papel fundamental de ilustrar os horrores da pandemia da Peste Negra ou Peste Bubônica. A obra é um dramaficção que utiliza de elementos jornalísticos: informações verídicas e dados empíricos. O livro é narrado pelo personagem principal que conta a sua história na estrutura de um diário. O roteiro de Daniel Defoe se passa na cidade de Londres, ano de 1665, quando a Peste Bubônica devastou a região e matou mais de 70.000 pessoas.

Daniel Defoe faz do seu livro *Um diário do ano da peste* uma fonte de consulta obrigatória para quem pesquisa sobre a pandemia da Peste Bubônica, isso porque é um material de muitos detalhes e dados empíricos de um período tão difícil para o continente europeu. Defoe aproveita da estrutura ficção-realidade na sua escrita, acrescenta à sua narrativa um malabarismo de histórias inventadas e histórias vividas e ilustra a partir de suas palavras o horror que foi o período da Peste - embora o próprio autor não deve ter vivido pessoalmente os horrores da Peste, tendo em vista que ela ocorreu séculos antes, o que nos leva a crer que ele tenha empreendido uma pesquisa documental para se apropriar da situação

real. O narrador da história, nomeado como H.F, conta a história de um jeito peculiar, em diversos momentos ele se direciona ao leitor de forma instrutiva para alguém que porventura esteja passando por uma situação de pandemia.

Menciono a história também como o melhor método que posso recomendar para qualquer um nesta situação, principalmente se for alguém com consciência de suas responsabilidades em busca de orientação sobre o que fazer. Objetivamente: manter os olhos atentos às predisposições peculiares do que ocorre à sua volta na época e examiná-las com profundidade, para saber como se relacionam entre si e como se relacionam todas juntas com a questão diante da pessoa (DEFOE, 2014, p. 27).

Além disso, H.F conta detalhes do horror que a cidade de Londres enfrentou no período da epidemia. As mais de 70.000 mortes na cidade estão relacionadas a diversos fatores: a medicina ainda não tinha toda a desenvoltura que tem atualmente no século XXI; muitas pessoas viviam em péssimas condições, principalmente as pessoas escravizadas, visto que a abolição da escravidão só aconteceu 2 séculos mais tarde; outro fator contribuinte para a situação desesperadora de Londres, acredita-se que foi a escolha das medidas de segurança, entre elas, o fechamento das casas de pessoas contaminadas. O resultado disso tudo é comentado por Defoe (2014) quando diz que:

se fosse possível representar exatamente aqueles tempos para aqueles que não os viram, dando ao leitor a devida ideia do horror que se apresentava em toda a parte, seria preciso criar imagens em suas mentes e enchê-las de pavor. Bem, pode-se dizer que Londres estava toda em lágrimas [...] A choradeira das mulheres e crianças nas janelas e portas das casas onde seus parentes mais queridos talvez estivessem morrendo, ou recém-mortos, era tão frequente quando se passava pelas ruas que bastava para cortar o mais insensível coração do mundo que as escutasse. (2014, p. 33).

São muitas as considerações a respeito desta obra de Daniel Defoe, que faz o leitor perceber a dor que a situação de pandemia causa em um lugar. Esta escrita é apenas uma ínfima parte do estimado diário de H.F, que nos deu o privilégio de saber de perto como foi este horror na cidade de Londres. Finalizo este breve resumo com um poema do próprio Daniel Defoe (2020, p. 277):

Terrível peste esteve em Londres
no ano de sessenta e cinco
cem mil almas levou consigo
mesmo assim, estou vivo!

A história da Peste também foi narrada por Albert Camus em uma crônica carregada de lirismo que fala de uma pequena cidade chamada Oran, na Argélia, em meados do século XX. Na trama intitulada *A peste* (CAMUS, 1947), Bernardo Rieux, médico da cidade e

protagonista dessa história, tem seu cotidiano abalado pelo aparecimento de uma quantidade significativa de ratos na cidade.

Na manhã do dia 16 de abril, o Dr. Bernard Rieux saiu do consultório e tropeçou num rato morto, no meio do patamar. No momento, afastou o bicho sem prestar atenção e desceu a escada. Ao chegar à rua, porém, veio-lhe a ideia de que esse rato não estava no lugar devido e voltou para avisar o porteiro. Diante da reação do velho Michel, sentiu melhor o que sua descoberta tinha de insólito. A presença desse gato morto parecera-lhe apenas estranha, enquanto para o porteiro constituía um escândalo. A posição deste último era aliás categórica: não havia ratos na casa. Por mais que o médico lhe garantisse que havia um no patamar do primeiro andar, provavelmente morto, a convicção de Michel permanecia firme. Não havia ratos na casa, e era necessário que tivessem trazido este de fora. Em resumo, tratava-se de uma brincadeira. (CAMUS, 1947, p. 3)

Após esse episódio, a aparição de ratos é constante, mas não é ligada a nenhum acontecimento. Entretanto, logo começam a aparecer casos de pessoas doentes com sintomas que chamam a atenção por causa de suas semelhanças entre cada doente. Na época da peste a medicina não era tão desenvolvida quanto é hoje, os profissionais da saúde eram pessoas que iam de uma casa a outra examinar os doentes e acompanhar os seus processos. O Dr. Rieux era um desses médicos que examinava as pessoas, por causa disso ele tinha um controle das pessoas enfermas na cidade, quais eram os sintomas e qual seria o tratamento para cada uma.

Seguindo a narrativa, Rieux consegue perceber uma semelhança estranha e, prontamente, chama o conselho de saúde para uma definição melhor do problema. Esse trecho em especial foi algo que me chamou bastante a atenção: o comitê da saúde se reúne e começam a surgir nomes de possíveis doenças. É nesse ponto que o Dr. Rieux lança a bomba do seu palpite, para o Dr. a situação atual era uma epidemia de peste. O suspense é sentido, o burburinho se espalha pela sala e a tensão toma conta do ambiente. Mas o palpite de Rieux não é só um palpite, é a palavra de alguém que observou por muito tempo, frente a frente com os doentes e presenciando a forma como os sintomas apareciam em cada pessoa.

Certamente, Rieux tinha total razão em sua afirmativa, a doença era a Peste, altamente letal e transmitida por roedores. Segue-se a isso um sistema de estruturação da cidade em situação de epidemia: Medidas de segurança, formas de contenção do vírus e tudo que estivesse ao alcance do povo na cidade que teve que fechar suas portas e trancar o povo dentro de suas casas, em quarentena. Esse foi um cenário de horror e tristeza semelhante à realidade contada em *Um diário do ano da peste*, e atualmente, experienciado na vida planetária nos anos de 2020 e 2021. Tudo se repete sem muitas novidades, a humanidade tenta sobreviver mais uma vez a algo desta natureza.

A *Peste Negra* também é apresentada no filme "Morte Negra" (2010), onde vemos esse cenário de caos representado em um drama histórico e político que se passa na Europa em epidemia de Peste Bubônica e num sistema fechado de domínio da Igreja católica do século XVII. O roteiro, escrito por Dario Poloni, descreve a história de um grupo de soldados recrutados para sair à procura de uma bruxa que, supostamente, estaria ressuscitando pessoas mortas pela doença. Esse período foi marcado pela dominação da Igreja católica que perseguia e matava aqueles que eram contrários às suas doutrinas, especialmente, as bruxas. Então, o grupo de soldados sai com o objetivo de caçar e matar as bruxas da aldeia e levam consigo um jovem monge que se dispõe a lhes mostrar o caminho, com a real intenção de encontrar sua mulher que estava fugindo. O desfecho segue com tramas e mistérios envolvendo os personagens da história, eles finalmente conseguem chegar ao acampamento das bruxas, são bem recebidos pelos moradores e ficam surpresos com a ausência da peste no lugar, mas o que os soldados não sabiam era que quem chegava àquela aldeia, não conseguia sair vivo, isso aconteceu com muitos outros soldados que foram presos e assassinados pelas bruxas. O destino deles seria o mesmo, mas eles resistiram e conseguiram lutar. Muitos morreram no combate, outros sobreviveram e retornaram ao mosteiro. O filme acaba com o jovem monge, Osmund, voltando à aldeia para procurar pela bruxa que conseguiu fugir no embate. Osmund não descansou em sua busca por vingança e dedicou o resto de sua vida nessa jornada.

O cenário deste roteiro conta com a situação de uma epidemia que devastou a Europa, a peste bubônica, que causava inchaços nos bulbos e nas glândulas e levava a óbito a pessoa acometida dessa doença. Nesse período, a igreja católica era “dona” de tudo e de todos, por causa disso a causa da doença foi definida única e exclusivamente como castigo divino, o que dificultou muito o tratamento da doença. Além disso, a medicina era quase inexistente, a ciência ainda não tinha o seu espaço, todas as causas e consequências eram direcionadas às divindades. Essa foi uma realidade muito diferente da que estamos vivendo, assistir ao filme foi uma forma de ilustrar as histórias lidas no livro *Um diário do ano da peste*, de Daniel Defoe, portanto, uma experiência interessante para a pesquisa. No entanto, mesmo que estejamos muito distantes da realidade ficcionada no citado filme, o elemento místico ou ideológico sempre acaba atravessando a experiência das pandemias, e muitas pessoas, ao invés de encararem a realidade dos fatos, acabam se apegando a crenças que dificultam muito o enfrentamento do problema. Isso também aconteceu no contexto da COVID-19.

Outros artigos foram encontrados e registrados ao longo da pesquisa, assim como filmes, fotografias e matérias de jornais sobre as pandemias anteriores e a pandemia atual, causada pela COVID-19. Um dos filmes foi a produção brasileira *Sonhos Tropicais*, dirigido por André Sturm (2020), pela Pandora Filmes. O filme narra diferentes histórias, paralelamente: uma polonesa judia chamada Esther embarca em uma viagem para o Brasil com uma promessa de casamento, a mulher judia deixou sua família acreditando que construiria outra e quando chegou, percebeu que foi enganada e sequestrada para o trabalho sexual escravo. Na mesma embarcação, retornou ao Brasil o médico Oswaldo Cruz, que estava se especializando no estudo de pestes. As duas histórias acontecem em um cenário de relações políticas, econômicas e sociais de um país altamente omissivo à própria realidade.

O roteiro segue e dá-se início à aparição de pessoas doentes com os mesmos sintomas e muitas mortes em um curto período de tempo. Essa situação, rapidamente chama a atenção do comitê da saúde que pensa o que seria o motivo das mortes, para resolver esse problema, surge o nome do médico Oswaldo Cruz. Oswaldo chega à conclusão de que é uma peste, mas a verdade é muito dura para ser aceita pelas autoridades, que se opõem e querem um veredicto mais fácil de ser resolvido.

Foi nesse cenário que o médico, junto com outros pesquisadores, desenvolveu, aqui no Brasil, a vacina para combater a peste, neste caso, tratava-se do combate à Varíola. O desenvolvimento da vacina no Brasil decorre de estudos anteriores, como os de Edward Jenner, cientista inglês que foi o pioneiro nos experimentos de criar um imunizante para a doença (FIOCRUZ, 2016).

(Após desenvolvida no Brasil, a vacina para combater a varíola recebeu o apoio do governo, que, finalmente, aprovou a lei da obrigatoriedade da vacina, resultando na famosa Revolta da Vacina do início do século XX. É nesse ponto que as histórias do médico e da judia se encontram, Esther foge do bordel e se voluntaria para tomar a vacina e sua atitude de coragem é reconhecida pelo médico. Mas o resto do Brasil está em guerra e as pessoas continuam morrendo. Senão por peste, matando umas às outras.

A Revolta da Vacina ocorreu no ano de 1904 e foi também um enfrentamento de cunho político, pois havia um grupo de resistentes ao governo do então presidente Rodrigues Alves. Segundo os arquivos da Fundação Oswaldo Cruz, a vacina da varíola era feita de um líquido de pústulas de vacas doentes (2020), e a população não confiava em ter o líquido inserido em seu organismo. Com toda a violência da revolta, o presidente Rodrigues Alves se

sentiu acuado e na obrigação de revogar a lei de obrigatoriedade da vacina. Em 1906, os números de mortos haviam diminuído consideravelmente, mas cerca de 2 anos mais tarde o Brasil foi invadido por uma onda maior e mais forte da epidemia de varíola, dessa vez as pessoas correram à procura da vacina contra a peste.

Uma década mais tarde o país enfrentou mais uma epidemia, a Gripe Espanhola, que tornou o presidente Rodrigues Alves uma das tantas vítimas da doença. O presidente veio a óbito antes de tomar posse do cargo para o qual ele tinha sido reeleito, e o vice-presidente Delfim Moreira, assumiu a liderança do país.

Oswaldo Cruz não podia saber, mas cerca de um século mais tarde o Brasil enfrentaria a pandemia de Covid-19, e, tristemente, seguiria o modelo de uma peste ultrapassada. O governo do Brasil também se opôs à veracidade do vírus, conhecido como coronavírus, e chegou a declarar abertamente que não passava de uma gripezinha. O Brasil, mais uma vez, ficou sem amparo. Entretanto, os pesquisadores não cessaram seus esforços na luta do combate à doença, finalmente, conseguiram uma vacina. Os esforços de Oswaldo Cruz continuam sendo lembrados, uma das organizações que estão na linha de frente nas produções de vacina contra a COVID-19 é a que recebeu o seu nome como forma de homenagem: Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ. No entanto, do mesmo modo que ocorreu a Revolta da Vacina, em 1904, também em 2020 e 2021 uma parcela considerável da população embarcou nas teorias negacionistas e se declararam contra a vacina.

GRIFE ESPANHOLA

A epidemia da Gripe Espanhola foi uma epidemia que devastou muitos lugares pelo mundo e matou entre 20 e 40 milhões de pessoas. O Brasil foi um dos muitos países assolados pela doença, na época, por volta de 1918, a capital do país era o Rio de Janeiro, e a cidade de Salvador tinha sido a capital brasileira havia menos de dois séculos. A Bahia era um dos portos principais onde atracavam os grandes navios de carga vindos da Europa, por isso, o artigo *A epidemia de gripe espanhola: um desafio à medicina baiana* (SOUZA, 2008) conta como foi o episódio da epidemia na Bahia, como as pessoas e a ciência do local lidaram com a doença e, principalmente, as estratégias utilizadas pela medicina para entender e resolver os problemas da epidemia.

Inicialmente, o artigo faz um apanhado da história da gripe e como ela chegou à América. Apesar de não chegar a uma conclusão unilateral, essa narrativa da chegada da gripe

à América dá ao leitor um panorama eficaz a respeito das prováveis respostas para essa questão. Chegando ao Brasil, a narrativa guia o leitor para o estado da Bahia que foi responsável por muitas teses e pesquisas sobre a doença.

No século XIX, por força dessas sucessivas pandemias, vários cientistas se debruçaram sobre a gripe e tentaram explicar sua natureza e determinar suas causas. Na Bahia, teses de final de curso apresentadas à Faculdade de Medicina discutiram o tema e periódicos leigos ou especializados repercutiram as investigações em andamento nos hospitais e institutos de pesquisa de diversos lugares do mundo. (SOUZA, 2008, p. 947)

O artigo segue contando as diversas experiências de cientistas que tentavam incansavelmente encontrar a raiz do problema para assim solucioná-lo. Foram feitos testes em muitas espécies de animais, um dos cientistas responsáveis foi o cientista Richard Friedrich Johannes Pfeiffer, que “examinou 31 casos de influenza, em seis dos quais procedeu as autópsias” (SOUZA, 2008, p. 947). Além disso, tem-se a narração detalhada dos processos realizados pelos médicos cientistas na investigação da doença. Nesse período, “as enfermarias do hospital da Santa Casa da Misericórdia da Bahia, o Santa Isabel, eram o mais importante espaço para a investigação clínica e anatomopatológica” (idem, p. 948). Para definir se se tratava de uma epidemia ou uma endemia os médicos observavam diversos fatores, “observavam a distribuição da doença na população levando em consideração sua prevalência em determinado período do ano, assim como o número de casos novos (incidência). Se a incidência aumentava, tratava-se de uma epidemia” (idem, p. 948), entretanto, o resultado não foi gerado na unanimidade, assim como na pandemia de COVID-19, na epidemia de varíola e em tantas outras, houve divergências ideológicas e negacionismo por parte de pessoas que não se deram por vencidas e procuraram todas as justificativas possíveis para não admitir a epidemia na cidade de Salvador. Souza (2008), explica melhor como isso aconteceu:

Não houve consenso em torno do diagnóstico apresentado por Gustavo dos Santos. Criou-se então polêmica entre os clínicos da cidade – enquanto uns corroboravam a opinião de Santos, outros se empenhavam em negar a existência de uma epidemia de influenza em Salvador. Os que negavam a existência de uma epidemia [...] buscavam no revolvimento do solo urbano as causas dessas febres endêmicas que sazonalmente irrompiam na Bahia. Alguns suspeitavam que fosse dengue ou que esta doença estivesse associada à gripe, devido a ocorrência esporádica de erupções escarlatiniformes ou morbiliformes nos acometidos pela doença. (p. 949)

Entretanto, não era preciso unanimidade para perceber que a cidade de Salvador estava enfrentando, a duras penas, uma situação caótica, ruas inteiras eram acometidas pela moléstia e o número de mortos só aumentava. Nesse cenário, “o médico Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906) teve oportunidade de acompanhar alguns casos nas enfermarias do Hospital

Santa Isabel” (SOUZA, 2008, p. 949), com grandes desafios pelo caminho, pois, os sintomas se diferenciavam e os sinais eram inconstantes.

Outro ponto percebido e investigado por Nina Rodrigues, e que também comunga com fatores de outras epidemias na história, é o agravante de que a doença não limitava seu alcance a apenas uma faixa etária, uma raça, sexo, ou qualquer outra condição, a doença poderia contagiar qualquer um e agir de diferentes formas em cada pessoa contaminada.

Desde então, os órgãos de imprensa de Salvador passaram a divulgar com maior destaque informações sobre o assunto. Então era real. A doença que tanto afligia o mundo havia chegado na Bahia. Naquele tempo, havia diversos nomes para as doenças em curso: “febre catarral meteórica, a febre dengue, a febre estival, a febre das trincheiras, a febre dos três dias, ou era simplesmente a influenza ou gripe sazonal” (SOUZA, 2008, p. 954), mas a doença recém-chegada no território baiano ainda não tinha um nome, se era *influenza ou gripe espanhola* ninguém sabia ao certo. Para dar ao povo alguma resposta do que estava acontecendo, o Jornal *O Imparcial* (1918) pensou em juntar alguns profissionais da medicina para uma entrevista, essas pessoas foram contando seus pontos de vista a respeito da doença que assolava a região. O jornal *O Imparcial* seguia buscando informações e compartilhando-as com as pessoas a respeito da situação endêmica da cidade de Salvador.

Vez por outra manchetes estampadas nos jornais anunciavam que pesquisadores haviam isolado o agente etiológico da gripe. Em 22 de outubro de 1918, a primeira página de *O Imparcial* trazia a notícia de que o médico italiano R. Ciauri havia descoberto o micróbio da influenza. Após investigação realizada com os acometidos pela doença internados no hospital militar de Contoe, conseguira isolar um bacilo bipolar que acreditava ser o agente específico da doença (SILVA, 1 fev. 1919, p.45).

O registro do artigo segue em uma linguagem um tanto específica para pesquisadores da medicina, mas que dá para compreender. A pesquisa pela estrutura do micróbio da doença seguiu não só no Brasil como em todo o mundo. Foram muitos testes, muita observação e também muitas vidas perdidas, muita tristeza e desespero por causa de uma doença que pouco se conhecia. Por esse motivo,

o esforço para precisar o agente etiológico tornou-se um problema de vulto que envolveu médicos e cientistas de todas as partes do mundo. Tais descobertas, caso se confirmassem, poderiam aparelhar a profissão médica de um conhecimento imprescindível ao combate da pandemia. (SOUZA, 2008, p. 961)

Os esforços para chegar a um veredicto continuaram sob forte pressão da imprensa e da população. Então a Diretoria Geral de Saúde Pública da Bahia – DGSPB criou uma comissão de pesquisadores para estudar a pandemia: Frederico Koch, Dyonisio Pereira e Aristides Novis. Após muitos estudos e pesquisas realizadas tanto em vias públicas quanto privadas, a

comissão de médicos começou a perceber que “a disseminação da doença por toda a cidade devia-se à extrema contagiosidade e capacidade de difusão da gripe” (SOUZA, 2008, p. 964), associando esse fator à superlotação em algumas zonas de moradia e em alguns ambientes. Tinha-se agora um problema possível de ser solucionado. “Assim, a comissão designada para estudar a epidemia em curso na Bahia sugeriu que os lugares ou eventos em que ocorria maior proximidade entre as pessoas deveriam tornar-se alvo da atenção médica e da ação sanitária” (p. 966). Entretanto, não foi fácil estabelecer as novas normas, as próprias autoridades do estado argumentaram contra, mas os médicos da comissão tinham finalmente encontrado um caminho a seguir e foram enfáticos no que era preciso fazer.

Vale ressaltar que assim como em tantas outras pandemias, no momento de um caos como esse estão acontecendo outros tantos problemas e crises ao redor.

A ‘espanhola’ aportou em Salvador em um período tumultuado por disputas políticas, pela crise financeira do estado e do município, pelas greves de professores e operários. Ao mesmo tempo, a carestia, a corrosão salarial, o desemprego e a crise de moradia, contribuíam para alargar o espectro da pobreza, favorecendo tanto a incidência de doenças carenciais, como o beribéri, quanto a ação de outras doenças transmissíveis e infecciosas, como a tuberculose, a varíola, a febre amarela, a malária e a peste bubônica. (SOUZA, 2008, p. 966)

Isso nos leva a perceber que a ação humana desencadeia em uma série de crises e é importante percebê-las em um cenário caótico como o de uma pandemia.

A PANDEMIA DE COVID-19

Nesse contexto, conhecendo um pouco a história das pandemias anteriores e os seus diferentes registros, a pesquisa foi direcionada para a atual pandemia, causada pelo coronavírus. Um dos autores que aborda perspectivas da pandemia é Boaventura de Souza Santos (2020), em seu livro *A cruel pedagogia do vírus*, que faz uma relação com a situação de pandemia por Coronavírus e o sistema capitalista que cria seus próprios conflitos na sociedade. O capitalismo impõe um sistema de hiperatividade e superprodutividade, cria a extrema diferença de classes e destrutura a sociedade. Nesse sentido, o autor apresenta as desigualdades sociais onde a pandemia foi inserida, ou seja, as diferentes facetas da pandemia em cada uma dessas realidades: os trabalhadores autônomos, as mulheres, as pessoas em situação de rua, moradores da periferia, empregadas domésticas, os deficientes, refugiados e tantas outras pessoas que estão à margem da sociedade, à sombra das pessoas superprotegidas socialmente. A pandemia surge nesse cenário, conturbado e fragilizado, e encontra apoio para fazer o próprio caos, somar às crises já existentes a sua própria crise. “A quarentena não só

torna mais visíveis, como reforça a injustiça, a discriminação, a exclusão social e o sofrimento imerecido que elas provocam” (p. 20). Foi esse o cenário que vimos no Brasil e no mundo, milhares de pessoas sofrendo, algumas sendo obrigadas (pelas condições em que vivem) a cuidar da quarentena de outros e abrir mão da própria segurança. Outras pessoas, nem essa segurança tiveram, não puderam acreditar na segurança do seu próprio lar. E ainda, outras tantas pessoas que sequer têm um lar para viver uma quarentena.

Além disso, Boaventura chama a atenção ao fato de que o pós-pandemia pode não ser um momento propício a mudar os costumes e o estilo de vida de antes da pandemia, a não ser que não seja possível viver como antes. Porém, ao que parece as pessoas estão sedentas para voltar ao estilo de vida anterior à pandemia e, se o fizermos, não teremos aprendido nada do sinistro covidiano. Outro ponto necessário nessa discussão é a respeito das recomendações da saúde: não foram justas, não observaram as diversas classes da sociedade. As recomendações igualaram todas as pessoas, colocaram-nas todas no mesmo nível de condições, incutiram que todas tinham um espaço adequado e seguro para cumprirem a quarentena. Na realidade, as pessoas precisaram sair, precisaram trabalhar. Do contrário, morreriam de fome.

Outro autor que se destacou na pesquisa foi Giorgio Agamben (2020) que organizou 2 dos livros estudados, *Sopa de Wuhan* (AGAMBEN, 2020a) e *Filosofia Viral* (AGAMBEN, 2020b). Esses dois livros são um compilado de textos de diversos autores, buscando entender o período da pandemia de COVID-19. As ideias compartilhadas nos livros são das mais diversas, alguns acreditam e defendem a veracidade do vírus, outros buscam entender o que é e como age na sociedade, mas há ainda quem não acredita na existência de um vírus ou de uma pandemia, como é o caso do próprio autor-organizador do livro, Giorgio Agamben, filósofo italiano que acredita na pandemia de covid-19 como um experimento do governo para dessocializar as pessoas, isolá-las umas das outras e deixar que as máquinas trabalhem e ocupem os seus lugares. Entretanto, há quem pense e defenda pontos de vista totalmente adversos, como Rocco Ronchi (2020b, p. 27-28):

se a “cultura” perde a solidariedade, ergue-se cercas e constrói-se gêneros, se define gradações de participação no título de ser humano e se estabelece horrendos limites entre “nós” e os “bárbaros”, o vírus nos “une” e nos força a pensar em soluções “comuns”.

Essa ideia de Ronchi é apoiada nas palavras de outros autores, como o Papa Francisco (2020), que se direcionou ao povo para falar-lhes palavras de afeto e consolo que serviu de abrigo para muitas pessoas que confessam da mesma fé que ele. Durante a pandemia, o Papa

utilizou a influência que tem sobre as pessoas e faz algo bom: encorajar o povo a enfrentar o desconhecido, o que foi extremamente necessário na situação da pandemia. Suas mensagens foram direcionadas para todas as pessoas, universalmente, não apenas porque o vírus ameaça todos sem discriminações, mas, sobretudo porque o mundo após a COVID-19 deve ser realizado por todos (idem, p. 5). Esse tipo de mensagem, em um momento de confusão mental como é a pandemia, serviu para dar um norte às pessoas, serviu para inspirá-las a fazer algo bom de uma situação ruim. Suas mensagens foram organizadas e compiladas no livro *A vida após a pandemia* (FRANCESCO, 2020, sic) como forma de registrar o comportamento de um líder religioso em situação de pandemia. O Papa Francesco chama a atenção do público para o plano de fundo da pandemia de COVID-19, para um vírus mais perigoso e infeccioso do que o coronavírus: o egoísmo. Segundo ele, “somos membros de uma única família humana e habitantes da única casa comum” (idem, p. 10) e diz ainda que é preciso rever as nossas ações em relação ao planeta:

devido ao egoísmo, falhamos na nossa responsabilidade de guardiães e administradores da Terra. Basta olhar a realidade com sinceridade para ver que há uma grande deterioração da nossa casa comum. Poluímo-la, saqueámo-la, colocando em perigo a nossa própria vida. [...] não há futuro para nós se destruímos o meio ambiente que nos sustenta (FRANCESCO, 2020, p. 60).

Há quem concorde com a ideia de que a pandemia é uma resposta da natureza, a exemplo, Boaventura de Souza Santos. O autor faz o leitor perceber que o pensamento de superioridade do ser humano, sempre latente, não permite a compreensão de que a natureza pode facilmente se livrar da espécie e se reconstituir sem a “ajuda” de seres humanos. “Não se trata de vingança da Natureza. Trata-se de pura auto-defesa” (SANTOS, 2020, p. 23).

Outra obra explorada foi o livro organizado por Mike Davis, intitulado *Coronavírus e a luta de classes* ((DAVIS, 2020) que também é um compilado de diversos autores buscando compreender a situação de pandemia ao redor do planeta. Mike Davis se encarrega de dar início às discussões e o faz associando a crise do coronavírus ao sistema capitalista. Davis lembra ao leitor que o corona entrou pela porta da frente como um monstro familiar (DAVIS, 2020, p. 6) e encontrou um lugar propício para instalar o seu caos, um lugar onde já tinha um caos instalado. Entretanto, por ser um vírus familiar, quando a COVID-19 surgiu, “a reação dominante foi a de apresentá-la como uma repetição da SARS, mostrando que o pânico era novamente desnecessário” (HARVEY, 2020, p. 16), um grande equívoco que seria sentido mais tarde. Outro ponto que ilustra o regresso da humanidade é que por causa da epidemia ter eclodido na China, que rápida e impiedosamente agiu para conter seus impactos, também levou o resto do mundo a tratar erroneamente o problema como algo que aconteceu apenas

“lá” e, portanto, fora do alcance e da mente/consciência (idem, p. 16), esse episódio pode ter resultado, dentre tantas coisas, no preconceito, xenofobia e violência destilados ao povo Chinês. A soberba e o egoísmo do ser humano só o levam para trás. Essas foram algumas das ideias apresentadas por Davis, Harvey e outros autores na obra.

Para entender tudo o que acontece no contexto de uma pandemia é necessário conhecer a sociedade onde a pandemia se instalou. Para isso, o professor sociólogo, Ricardo Antunes escreveu um livro cujo título sintetiza a balbúrdia da realidade pandêmica do país: *Coronavírus – o trabalho sob fogo cruzado* (ANTUNES, 2020). O autor inicia a obra situando o leitor no cenário onde ocorre a pandemia, especificamente no Brasil, que já enfrentava crises econômicas muito antes da pandemia: pessoas não estavam tendo dinheiro, outras em situação de rua. “Se esse conjunto de situações já vinha ocorrendo em alta intensidade antes da pandemia, o que se visualiza no presente e no horizonte próximo, em meio a esta terrível hecatombe mundial, é um desenho societal ainda mais desolador” (p. 10), é um sistema adoecido cuja idéia está centrada nas mãos do capitalismo.

O texto explica os conceitos de CAPITAL e CAPITALISMO, faz uma ilustração dos dois conceitos com a situação de pandemia e seus desdobramentos na sociedade. O capitalismo induz um sistema de grande produção, de compulsão por compras e proveniente disso tudo, péssimas condições de trabalho. Essa realidade pode ser destrutiva, principalmente quando exposta a uma pandemia, e Mike Davis compartilha desse mesmo pensamento quando diz que “uma vez que o sistema de capital é tão mais lucrativo quanto menor for o tempo de vida útil das mercadorias, sua feição só pode ser, em si e para si, a de um sistema destrutivo, cujos imperativos o impulsionam a criar sempre mais mercadorias. É por isso que os carros, os eletrodomésticos, os celulares, enfim, tudo o que se produz, deve durar o menor tempo possível”(ANTUNES, 2020, p. 14). Ainda nesse raciocínio, quanto menor a vida útil dos produtos, maior é a demanda de novos produtos, e, conseqüentemente, maior é a quantidade de lixo produzido no planeta.

A obra segue desenhando um trágico cenário de produção desenfreada e desumanidade em todas as áreas, inclusive nas tecnologias de informação e comunicação (TIC's) que são diretamente controladas por esse sistema corrosivo e destrutivo. O autor chama esse sistema de capital pandêmico e acredita que este “tem um claro caráter discriminatório em relação às classes sociais, pois sua dinâmica é muito mais brutal e intensa para a humanidade que depende do próprio trabalho para sobreviver” (p. 19), por esse motivo,

a pandemia foi e é injusta e cruel: a patroa contrai a doença, tem os melhores tratamentos e fica bem, mas a empregada que não dispõe de um bom plano de saúde, não tem o mesmo fim, ela morre. Essa foi uma situação que aconteceu algumas vezes aqui no Brasil, A desigualdade atingiu, em cheio, a minoria nesse tempo de pandemia. A trabalhadora doméstica Cleonice Ribeiro foi atingida diretamente, outras tantas pessoas sofreram o mesmo, às vezes de maneira indireta. Há ainda que ressaltar a situação dos trabalhadores, e nesse ponto o autor chama a atenção do leitor para algo marcante: “e quanto ao pequeno ‘empreendedor’ (que descrevi em *O Privilégio da servidão* como sendo, simultaneamente, BURGUESES-DE-SI-MESMO E PROLETÁRIO-DE-SI-PRÓPRIO), que em meio à pandemia não tem o que vender (pois não há consumidores), nem renda, nem previdência, nem convênio de saúde?” (ANTUNES, 2020, p. 20). Tudo isso nos leva a acreditar que precisamos repensar as nossas relações com o trabalho (nossas condições de trabalho, ideologia e prioridades em relação ao trabalho) e também com a natureza (consequentemente ligada ao trabalho, visto que o consumo exacerbado e o tempo útil das coisas acarretam em uma série de complicações na natureza). A verdade é que essas pessoas foram entregues à própria sorte, tiveram seus empreendimentos frustrados e interrompidos, sem um governo que se importe tudo foi de mau a pior. Mais uma vez, o capitalismo obrigou essas pessoas a trabalharem de qualquer jeito, em péssimas condições de trabalho, arriscando as próprias vidas, porque senão, morreriam de fome.

Acreditar ou não na veracidade do vírus ficou à critério, o presidente não acreditou, as autoridades do país não acreditaram, e as pessoas continuaram morrendo. Não tem como não acreditar quando se perde uma pessoa próxima, não tem como não usar máscara quando se entende que é ela ou um tubo de oxigênio, acreditar não é opcional.

A PANDEMIA DE COVID-19 NA VIDA DE MULHERES

As vertentes da pesquisa também nos levaram a buscar sobre a realidade das mulheres no período da pandemia. O artigo *A pandemia de covid-19 na vida de mulheres brasileiras: emergências, violências e insurgência* explica de forma transparente como foi essa realidade. A escrita pensa a relação da mulher com a pandemia, nos diferentes espaços que ela ocupa. Em diversos momentos desta pesquisa se falou sobre a situação das mulheres na pandemia, no Brasil e no mundo. Entretanto, o diferencial deste artigo é que foi escrito por mulheres e com

referências feministas que recorrem aos diversos feminismos para contestar os lugares das mulheres na sociedade em condições de subalternidade regida pela cultura patriarcal associada e agravada pelo racismo estrutural, privilégios de classe,

de locais de moradia e normatizações de gênero e sexualidade, que violentam as subjetividades e corpos (LIMA E MORAES, 2020, p. 1-2).

O Brasil não é um país homogêneo, unitário. As diferenças são reais e gritantes entre os grupos e classes sociais. O cenário das mulheres brasileiras na pandemia acentua essas diferentes realidades de grupos sociais no país. A pandemia é diferente para pessoas que não conseguem acompanhar as normas de segurança impostas pelo Ministério da Saúde; para mulheres que são obrigadas a garantir a quarentena de outras pessoas, mães solteiras que não podem contar com uma rede de apoio; esposas que não se sentem seguras dentro do próprio lar, e tantas outras situações de opressão que foram intensificadas no período da pandemia.

Nesse cenário de pura confusão, as mulheres enfrentam na linha de frente da luta pelo fim da pandemia. Segundo Lima e Moraes (2020),

são as mulheres que estão na linha de frente do cuidado, seja no espaço público das atividades profissionais de saúde como a enfermagem, assistência social ou limpeza e organização de espaços, assim como são elas as responsáveis pela gestão e cuidados no espaço privado, no ambiente doméstico, cujas atividades de cuidado incluem uma redobrada e contínua responsabilidade com tarefas de gestão dos outros - filhos, netos, maridos e toda a parentela [...] e, mesmo assim, ao realizar um sem fim de tarefas essenciais, a casa é ainda um lugar inóspito para essas mulheres em face do aumento da violência de gênero. (p. 4-5)

Essas mulheres tiveram que enfrentar a pandemia cuidando da segurança de outras pessoas e abrindo mão da própria segurança, abrindo mão do direito à vida. O que resultou de um sistema tão injusto como esse, foram empregadas domésticas doentes e vitimadas pela COVID-19, enquanto suas patroas e patrões contraíam a doença e logo se recuperavam. Não deixemos de lembrar que quem tem bons planos de saúde é o dono da casa, quem viaja para o exterior é o dono da casa. Entretanto, a realidade brasileira foi catastrófica, a começar pela primeira vítima registrada da COVID-19: mulher, negra, pobre e empregada doméstica que teve a infeliz sorte de trabalhar para pessoas recém-chegadas da Europa para o Brasil.

Além disso, as mulheres foram sobrecarregadas das mais diversas formas possíveis de serem imaginadas, e não isentas da necessidade real de proteção. Quanto a isso, as autoras comentam que

no que se refere à convivência, percebemos em um extremo mulheres sobrecarregadas com a dinâmica da família nuclear (quijá heterossexual) que implica no trabalho doméstico e de cuidado ininterrupto e pouco compartilhado, e no outro extremo, mulheres que estão passando a pandemia na solidão, sem ou com rede de apoio limitada. Entre esses extremos temos uma série de arranjos familiares que também têm sobrecarregado as mulheres, apontando para a certeza de que todas as pessoas necessitam de cuidado. (LIMA E MORAES, 2020, p.3)

Todo esse cenário, e a ideia de escrever sobre um tema tão pertinente, só acentuam ainda mais a situação de extrema desigualdade social no Brasil. A pandemia faz-se notada pelo caos que se instala junto a ela, ou o caos que já estava instalado e só ganhou espaço em meio à crise. De uma forma ou de outra, as nossas atitudes perante uma crise pandêmica dizem muito sobre a forma como a doença vai se instalar na sociedade em questão.

Cada um desses materiais serviu para formar um acervo que deu base e solidificou a pesquisa. Ao longo dos anos, as pessoas organizaram escritas e produções audiovisuais para que a história das pandemias não se perdesse no tempo. Esta escrita busca fazer o mesmo, contar o que aconteceu para que não desapareça. Isso é história. Façamos história.

REPERCUSSÕES DISCURSIVAS DA COVID-19

1. O DISCURSO

Partindo da etimologia da palavra discurso, tem-se a proveniência do latim *discursus,us*, que significa “ato de discursar, comunicação verbal” (RIBEIRO, 2022). Entretanto, essa definição não mergulha no conceito epistemológico do termo em questão, essa definição se detém no *hardware* da palavra e oferece uma informação técnica e objetiva da palavra em relação à sua lexicologia. É de suma importância saber a origem e significado das palavras junto ao seu conceito epistemológico, pois as palavras carregam culturalmente diferentes sentidos. Segundo Fernandes,

discurso, como uma palavra corrente no cotidiano da língua portuguesa, é constantemente utilizada para efetuar referência a pronunciamentos políticos, a um texto construído a partir de recursos estilísticos mais rebuscados, a um pronunciamento marcado por eloquência, a uma frase proferida de forma primorosa, à retórica, e muitas outras situações de uso da língua em diferentes contextos sociais. (FERNANDES, 2005, p. 11)

Esses conceitos populares também formam a estrutura do termo, mas para se entender o conceito da palavra *discurso*, quanto ao seu estudo crítico e social, é necessário se desprender dos significados anteriormente citados. Em sua obra *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*, Cleudemar Alves Fernandes explica o discurso da seguinte forma:

não é a língua, nem texto, nem a fala, mas necessita de elementos linguísticos para ter uma existência material. Com isso, dizemos que discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas. Assim, observamos, em diferentes situações de nosso cotidiano, sujeitos em debate e/ou divergência, sujeitos em oposição acerca de um mesmo tema. As posições em contraste revelam lugares socioideológicos assumidos pelos sujeitos envolvidos, e a linguagem é a forma material de expressão desses lugares. (2005, p. 12)

Assim, os discursos carregam e reforçam a posição ideológica de pessoas ou grupos sociais, levando em conta o contexto social e tornando “concreto” esse pensamento. Há ainda que mencionar que o discurso se constrói a partir do movimento ideológico do indivíduo ou grupo, por isso o discurso não é estático, inerte, mas movimenta-se, amplia-se e discorre no desdobrar da vida social. “Com isso, podemos afirmar que os discursos não são fixos, estão sempre se movendo e sofrem transformações, acompanham as transformações sociais e políticas de toda natureza que integram a vida humana.” (idem, 2005, p. 13).

Para além disso, o discurso não se limita a um ato de falar em público, antes disso ele é construído na ideologia de um indivíduo ou um grupo social e dá existência à vida social

quantos às lutas e posicionamentos defendidos. Durante a pandemia, o discurso foi instrumento de grande poder nas mãos de alguns, para o bem ou para que o sinistro agisse em sua pior forma. Nesse meio tempo, os discursos se uniram ou foram confrontados, de uma forma ou de outra houve repercussão e o desdobramento da pandemia de COVID-19 foi afetado.

Existe uma ampla escola de Análise de Discurso (AD) no mundo, com tendências ora mais filiadas às referências americanas, ora mais filiadas às referências francesas, nas quais figuram nomes como o de Michel Foucault, que tem, entre suas obras, uma que se destaca, um pequeno livro resultado de uma aula proferida no College de France em 2 de dezembro de 1970, chamado *A Ordem do Discurso* (FOUCAULT, 1999), em que ele afirma:

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1999, p. 8-9)

No decorrer do livro o autor expõe os procedimentos de controle do discurso, iniciando pelos procedimentos de exclusão, sendo o mais evidente o mecanismo de *interdição*, que opera sobre o direito de fala, de quem pode ou não falar, mas também de quem pode falar sobre *o quê* e *como*. Ele se refere aos três grandes sistemas de exclusão – a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade – através dos quais se definem o que se pode dizer, quem pode dizer, como se pode dizer, ou seja, mecanismos externos e internos de controle do discurso.

Há outros nomes de destaque na Análise do Discurso, como os franceses Dominique Maingueneau (1997) e Michel Pêcheux (2006), e no Brasil um dos nomes que se destacam é o de Eni Pulcinelli Orlandi (2005). Aqui não cabe fazer um tratado sobre a AD, mas apresentar os contornos gerais do conceito, para deixar claro que o Discurso é um objeto que não se restringe às práticas oratórias de pessoas, políticos, personalidades, mas diz respeito a volumes discursivos, a como as “falas” das pessoas se alinham, são agendadas, indexadas a modelos de pensamento. Mas também indicar que há muitos mecanismos, principalmente os institucionais, profissionais, ideológicos, que “sequestram” os modos de dizer. No nosso caso, apenas estabelecemos um agrupamento geral dos tipos de discursos que surgiram e proliferaram no contexto da pandemia da COVID-19.

2. DISCURSOS SOBRE A COVID-19 NO BRASIL E NO MUNDO

a) As reações da natureza à sua exploração.

Era um dia desses que a gente nem vê, de tanto que se arrasta, ou de tão rápido que passa. Acorda, limpa, come e sai, tranca a porta sem saber quando volta. A gente podia andar na rua, receber visitas e o abraço ainda era uma boa ideia. A vida seguia seu rumo, encurtando o caminho em um ônibus lotado, com o mesmo destino de sempre. Do outro lado do planeta, um bichinho bem pequeno passeava de mãos dadas com o povo de Wuhan. Esse bichinho, chamado de Coronavírus, não pediu permissão para chegar, mas se encostou e resolveu ficar.

Entretanto, essa doença não chegaria aqui, seria só “lá para os lados da China”. O Brasil continuaria intocável, ileso, indestrutível. Foi o que se pensou no início do ano de 2020, a ilusão dos horrores que atingem a todos, menos a nós; o câncer maligno que pode acometer a qualquer um, menos a mim; a pandemia de covid-19 que atingiu a muitos países e chegou ao Brasil, chegou à cidade de Juazeiro, no extremo norte da Bahia. A pandemia de Covid-19, uma realidade até então desconhecida, teve sua veracidade subestimada e foi palco para diferentes ideologias.

O conceito da pandemia foi analisado de todas as formas por filósofos, historiadores e pesquisadores da área, mas, o primeiro "bloco" discursivo é aquele que afirma que a pandemia veio como uma resposta da natureza e essa é uma ideia que precisa ser considerada. Alguns pesquisadores e estudiosos da pandemia e do meio ambiente acreditam veementemente nesse ideal da pandemia como uma reação natural. Cada um desses autores apresenta o quanto dependemos do planeta, que não precisa dos seres humanos, mas nós precisamos, e mais do que isso, dependemos do que o planeta Terra tem a nos oferecer.

O planeta Terra, esse pontinho azul solto no vasto universo tem sofrido duras penas por causa do modo de vida da espécie humana. Boaventura Santos (2020, p, 23) acredita veementemente que a pandemia do coronavírus é uma consequência das ações dos seres humanos na natureza, é a resposta da natureza à violência contra ela. Segundo Boaventura,

essa violação não ficará impune. As pandemias, tal como as manifestações da crise ecológica, são a punição que sofremos por tal violação. Não se trata de vingança da Natureza. Trata-se de pura auto-defesa. O planeta tem de se defender para garantir a sua vida. (SANTOS, 2020, p. 23)

Crises como uma pandemia, tomam uma proporção gigantesca e por causa disso são logo discutidas e “solucionadas”. Entretanto, o autor relembra que há um tipo específico de

crise que é mais silenciosa, age lento e sorrateiramente, e ainda assim carrega consequências devastadoras que só serão percebidas a longo prazo. Essa crise é ecológica, deriva do que é feito com a natureza e é citada por Boaventura (2020, p. 22), como “a crise climática” e “a poluição atmosférica”, mas a crise ecológica vai além, afeta, por exemplo, as diversas espécies de seres vivos em extinção. Para Santos, as duas crises são uma resposta da natureza às ações humanas (SANTOS, 2020, p. 23).

A partir dessa perspectiva, Boaventura Santos faz uma nova tessitura a respeito do que realmente está acontecendo no planeta Terra, e o faz ampliando a visão do(a) leitor(a) para os problemas que acontecem em paralelo à pandemia e que são escondidos por esta. Não acontece só a pandemia da COVID-19, acontecem desastres ambientais, racismo estrutural, desigualdades sociais e tantas outras mazelas que, mais uma vez, são postas de lado para que todas as forças estejam concentradas em combater um único problema. Santos entende que “tais assimetrias se tornam mais invisíveis em face do pânico que se apodera dos que não estão habituados a ele” (SANTOS, 2020, p. 21). Nessa perspectiva, o planeta responde ao comportamento humano com um acontecimento sinistro que é fatal e que faz as pessoas repensarem sua forma de viver.

b) As maquinações do estado para controlar a liberdade das pessoas.

Um segundo "bloco" discursivo é aquele que reúne pessoas que acreditam que não existe a pandemia em si, mas ela é só uma maquinação do estado para controlar a liberdade das pessoas. Neste grupo, um dos autores que mais defendeu a teoria de que a pandemia de COVID-19 é um tipo de manipulação do governo foi Giorgio Agamben (2020b), que acredita que a pandemia covidiana é um experimento dos governos para que as pessoas deixem de se encontrar e permitam que “as máquinas substituam qualquer contato entre seres humanos” (idem b, p. 44). Além disso, o filósofo italiano também afirma que, ao serem aderidas normas de segurança de isolamento social, a sociedade perde o direito à liberdade e enfatiza:

uma sociedade que vive em um estado de emergência perpétuo não pode mais ser uma sociedade livre. Na verdade, vivemos em uma sociedade que sacrificou a liberdade pelos chamados “motivos de segurança” e foi condenada a viver em um estado perpétuo de medo e insegurança. (p. 44)

Dessa forma é possível perceber que o pensamento de Agamben independe de qualquer outro raciocínio, o filósofo vê a pandemia como um experimento das autoridades para a extinção do

contato entre as pessoas. Agamben acredita firmemente que as medidas de segurança não são realmente necessárias, que a pandemia não é tão perigosa assim e ainda, que o fim da pandemia não significa o fim das medidas restritivas. Para ele,

é muito provável que os governos busquem continuar, mesmo depois da emergência sanitária, os experimentos que não conseguiram realizar antes: que as universidades e as escolas sejam fechadas e que só se dê aulas on-line, que deixemos de nos encontrar e falar por razões políticas ou culturais e só troquemos mensagens digitais, que sempre que possível as máquinas substituam qualquer contato — qualquer contágio — entre seres humanos.(idem b, p. 44)

Além disso, Agamben se diverge de Ronchi e de outros autores quando se trata de “pandemia como um fator unificador”. Segundo Agamben (2020b), a situação de crise e medo “não é algo que une as pessoas, mas que as cega e separa” (p. 43). Sendo assim, Giorgio Agamben carrega um posicionamento enfático e definitivo da situação pandêmica do planeta.

Em contrapartida, há quem defenda um conceito de liberdade que não é ameaçada pelo simples fato de ficar em isolamento social, a liberdade de escolher o que fazer de uma situação mesmo que dentro das “limitações” pandêmicas. É o caso de Rocco Ronchi:

A liberdade está assim tão comprometida? Deve-se ter uma ideia muito medíocre da liberdade para pensar que ela entra em conflito com a fatalidade do que acontece. Uma das virtudes do vírus deve incluir sua capacidade de gerar uma ideia mais sóbria de liberdade: a liberdade que se alcança ao fazer algo com o que o destino faz de nós. (RONCHI, 2020, p. 29)

Ronchi amplia o sentido de liberdade, sua ideia leva a crer que a liberdade é muito mais do que o que se diz sobre ela, e que pode ser explorada e experimentada, ao passo que Agamben comprime o significado da palavra liberdade. Outra ideia de Agamben e que também foi dita pelo atual presidente da república do Brasil, Jair Bolsonaro, foi contestada pelo filósofo francês Jean-Luc Nancy:

Giorgio Agamben, um velho amigo, afirma que o coronavírus pouco difere de uma simples gripe. Esquece que, para a gripe “normal”, dispomos de uma vacina de eficácia comprovada. E mesmo esta deve ser readaptada todos os anos às mutações virais. Apesar disso, a gripe “normal” sempre mata várias pessoas e o coronavírus para o qual não existe vacina é capaz de uma mortalidade evidentemente bem mais alta. (NANCY, 2020, p. 10)

Essa ideia de Giorgio Agamben de que o vírus não atingiria a vida humana, também foi defendida por muitas pessoas, isso se dá devido ao pensamento equivocado de que a espécie *homo sapiens* é superior a todas as outras espécies. Entretanto, é necessário ter consciência de que “a vida humana é uma ínfima parte (0,01%) da vida planetária” (SANTOS, p. 23) e que, para a vida humana ser preservada é necessário proteger todas as

outras vidas, do contrário, viveremos apenas o intervalo entre uma quarentena e outra (idem, p. 23). Dessa forma, e com a nitidez das desigualdades sociais, exclusão e discriminação, o período da pandemia pode ser bem aproveitado para rever e modificar conceitos, enquanto sujeitos de uma mesma sociedade.

c) A crueldade da sociedade de classes.

Um terceiro grupo de discursos relaciona a pandemia ao aspecto desigual e injusto da exploração capitalista de uma sociedade de classe. Assim, a pandemia do Novo Coronavírus, está integrada a um sistema desigual e adequou-se facilmente à forma de vida da sociedade. Nesse aspecto, a pandemia foi explicada por Antunes (2020) pelo viés do próprio sistema onde a pandemia foi inserida, um sistema que visa o lucro e o consumo desenfreado, que não difere pessoas de coisas e que trabalha por uma vida útil curta das coisas. A esse cenário macabro soma-se a pandemia, que vem e se instala em um caos bem estruturado e, tanto quanto o sistema vigente, a pandemia também vem desumana, racista e classista, se adequando à realidade como um camaleão camuflado. Davis afirma que “o COVID-19 exhibe todas as características de uma pandemia de classe, gênero e raça” (ANTUNES, 2020, p. 18), apesar do vírus não ser excludente, a sociedade onde ele está inserido é e se encarrega de torná-lo mais um fator de segregação para a grande maioria das pessoas. Dessa forma, por mais que o vírus não aja de forma excludente, o sistema onde está inserido o induz a ser seletivo, como afirma Judith Butler (2020) “elvirus por sí solo no discrimina, pero los humanos seguramente lo hacemos” (BUTLER, 2020, p. 62). Considerando esse cenário, é fácil perceber que a pandemia passa a ser um símbolo de que as coisas não podem continuar da forma como estão. A crise pandêmica torna-se um reflexo da crise que já existia antes do vírus ser descoberto.

Ademais, em paralelo às pandemias acontecem outros eventos de grande morbidade que são postas em segundo plano, em situação de menor importância, equivocadamente. Destaco aqui a ressalva feita por Santiago López Petiti (2020a), nos lembrando que o hiperfoco na pandemia nos faz não enxergar as outras mazelas que acontecem ao mesmo tempo: “Por mañana me lavo las manos a conciencia. Así consigo olvidar los ojos arrancados por la policía en Chile, Francia o Irak. Antes de comer, me vuelvo a lavar las manos con un buen desinfectante para olvidar a los migrantes amontonados en Lesbos”

(PETITI, p.55), outra grande mazela é o egoísmo, muito presente nas ações humana em tempos de pandemia.

Se você não viveu a pandemia de COVID-19 no Brasil, eu não sei se você viveu algo como aqui: no momento em que foram definidas as medidas de segurança contra o vírus, os equipamentos de proteção individual (EPI's) tiveram um grande *up* em seus preços. Álcool 70%, máscaras e remédios tiveram os seus preços aumentados de forma absurda e desumana. A proteção básica se tornou cara e impossível para uma grande parte das pessoas do país, isso é o que acontece quando se vive em um sistema definido pelas ações humanas e que se aproveita das tragédias, isso acontece porque o vírus se adequa à forma como a sociedade vive em relação às pessoas e as suas ações estão diretamente relacionadas com as ações humanas. “dime cómo tu comunidad construye su soberanía política y te diré qué formas tomarán tus epidemias y cómo las afrontarás.” (PRECIADO, 2020 a, p. 167). Finalizo com uma reflexão importantíssima do Paul B. Preciado que resume o que estamos vivendo: “todo esto puede ser una mala noticia o una gran oportunidad” (idem, 2020 a, p. 184). Podemos usar a nossa liberdade de escolher o que fazer com isso: se deixaremos as coisas como estão, ou se aprenderemos e mudaremos a situação.

d) A utopia do novo normal

Entre os grupos de discurso que proliferaram no contexto da pandemia, os discursos sobre um suposto "novo normal", talvez seja o tipo de discurso mais escorregadio, visto que ele atravessa os campos da mídia, das celebridades, dos chamados *influencers*, e também está no discurso de políticos e educadores de diversos matizes ideológicos. De tão sinistra que foi a pandemia de covid-19, as pessoas almejavam o seu fim e criam utopias, na esperança de um pós pandemia de volta ao normal, sem a necessidade de máscaras, encontros virtuais e demais exigências de uma pandemia. Mas, mais do que isto, os discursos situados neste bloco fazem crer que haverá uma sociedade transformada depois da pandemia, a vida estará transformada, nosso estado de consciência humana estará transformado, claro, para melhor.

As reflexões que surgiram junto com a ideia do “novo normal” foram as mais diversas. Grande parte das pessoas acreditava e defendia que a humanidade aprenderia com o que se

viveu na pandemia, levando para o pós pandemia apenas os resultados bons, as rotinas que deram certo e o que teve sucesso nesse período.

Podemos dizer que o termo “novo normal”, utilizado para definir este discurso, seja uma expressão originada nas redes sociais e enfatizada na mídia. Em termos de conceituação, temos a definição da colunista do Jornal Gazeta do Povo, Cristina Graeml, que afirma: “novo normal é como as pessoas imaginam que vá ser a nossa rotina, depois de passado o risco maior de contágio e a gente voltar às nossas atividades que tinha antes.” (GRAEML, 2020).

A pandemia da COVID-19 trouxe consigo alguns costumes que não faziam parte da nossa cultura e que precisaram ser inseridos na rotina das pessoas às pressas, como por exemplo o uso de máscaras. Antes da pandemia, quando alguma pessoa precisava usar máscara era sutilmente discriminada, os países asiáticos que usavam máscaras para se proteger da poluição atmosférica eram estranhados pelos brasileiros. A utopia do novo normal traz a esperança de não ser mais necessário o uso das máscaras, ou higienizar as mãos a cada toque, ou ainda, apresentar carteira de vacinação ao adentrar lugares fechados (cinemas, agências bancárias, restaurantes, etc.).

Há ainda a utopia ainda maior de um novo normal em um mundo reconstruído pelos seres humanos da geração atual, esses mesmos que viveram a pandemia da COVID-19. A reitora da UFCSPA, Lucia Campos Pellanda (2021), afirma: “podemos construir um novo normal com o que aprendemos ao longo da vida e, também, com o nosso ‘curso intensivo de vida’ que tem sido 2020. Podemos buscar mudar o mundo na direção da empatia, da solidariedade e da consciência ampliada sobre o que nos cerca” (p. 2). É difícil acreditar que a humanidade é capaz de aprender com um evento sinistro, se nesses eventos de grande morbidade os próprios seres humanos desobedecem as regras, desacreditam da veracidade do vírus ou até mesmo desconfiam da vacina.

Ainda assim, crendo ou não na utopia do novo normal, esse discurso teve um espaço de relevância durante a pandemia da COVID-19. Outra pessoa que compartilhou suas ideias a respeito do pós pandemia foi o Papa Francesco (2020), em seu livro *Vida após a pandemia*, transmitindo mensagens de tranquilidade para o povo e alertando para o que viria depois.

Como um líder religioso, o Papa já tem como função inspirar pessoas a agir conforme suas palavras, conforme sua fé. Por isso, no período pandêmico suas palavras já tinham um público que esperava por elas. Em seu discurso, o Papa busca alcançar os diferentes grupos sociais que estão na linha de frente do combate à pandemia, como também às pessoas que

foram atingidas pelo vírus e que viveram de perto o medo dessa situação. Além disso, Papa Francesco chama a atenção da sociedade para o pós-pandemia:

Também gostaria de convidá-los a pensar no “depois”, porque esta tempestade vai acabar e suas sérias consequências já estão sendo sentidas. Vocês não são uns improvisados, têm a cultura, a metodologia, mas principalmente a sabedoria que é amassada com o fermento de sentir a dor do outro como sua. (FRANCESCO, 2020, p. 40)

Além disso, o Papa acredita que precisamos rever a nossa relação com o planeta que nos abriga, o planeta Terra. O líder religioso acredita que haverá um pós-pandemia e torce para que estejamos vivos, mas alerta para a necessidade de reestabelecer a nossa casa. Particularmente, acredito que o mundo pós pandemia é um território desconhecido. Entretanto, se olharmos para o passado citado nesta escrita, o passado de outras pandemias, é possível ter uma ideia da capacidade que a humanidade tem de mudança, ou não.

3. REPERCUSSÕES DISCURSIVAS SOBRE A COVID-19 EM ÂMBITO LOCAL

Como a doença da COVID-19 alcançou diferentes partes do mundo se tornando uma pandemia, o mundo inteiro precisou encontrar formas de lidar com o vírus e tentar barrar a sua proliferação. Nesse contexto, havia a atuação direta da Organização Mundial da Saúde – OMS, que classificava o vírus e a sua propagação quanto ao seu nível de periculosidade, além disso, a organização estabelecia as normativas a serem seguida pelos países, contabilizava e registrava os números de contaminados e mortos mundialmente, e organizava as relações internacionais quanto ao desdobramento da pandemia. Esse foi o cenário mundial, entretanto, a pandemia de COVID-19 chegou também à cidade de Juazeiro, no norte do Estado da Bahia. Assim, a prefeitura de Juazeiro, subordinada ao governo do estado da Bahia e às ordens federais e internacionais, teve que estabelecer suas próprias estratégias em relação à pandemia, sempre do modo intempestivo, pois muitas soluções tiveram que ser improvisadas, no contexto das condições que se ofereciam.

Entretanto, assim como nos outros lugares do planeta, as “falas” locais também reverberavam elementos discursivos que as associam aos grupos que já elencamos nas páginas anteriores. Tomamos aqui como exemplo, o modo como essas falas se apresentaram nas *lives* realizadas pelo Grupo de Pesquisa ECuSS. O grupo ECuSS é o Grupo de Pesquisa “Estudo dos Modos Contemporâneos de Existência em Educação, Cultura, Subjetividade e Sustentabilidade”. No período da pandemia, como as atividades presenciais foram suspensas,

em razão do distanciamento social, incluindo as aulas e atividades de pesquisa, o ECuSS, tendo descoberto o potencial dos recursos de *streaming* para a transmissão de aulas e debates – um recurso que a pandemia de fato promoveu – criou um canal no YouTube, o Ecuss Cultural (<https://www.youtube.com/c/ecusscultural>) e organizou uma série de debates, entre eles, um que versou sobre a COVID-19 e outras pandemias, denominado “História das Pandemias e Educação” (<https://www.youtube.com/watch?v=uPhCKcN6z5E&t=592s>), com promoção do Colegiado de Pedagogia do Departamento de Ciências Humanas do Campus III (DCH III), da UNEB, que contou com a mediação da professora Aurilene Rodrigues Lima, e teve a participação dos professores Josemar Martins (Pinzoh) e Maria Rita Assy (Maíta).

Nesta *live* citada acima, se pode perceber como, em alguns momentos, a pandemia é tratada como algo que se aproxima do discurso de Giorgio Agamben, como algo destinado a controlar a liberdade das pessoas – como exemplo a fala da professora Maíta, que refletiu e questionou a respeito de alguns posicionamentos adotados pelos governos numa cidade como Juazeiro, que não devem ser os mesmos de outras cidades do mundo, pois Juazeiro tem um modo de vida próprio. Noutros momentos, a pandemia também fora vista como algo que deriva dos males que a humanidade tem causado à natureza, aspecto este reforçado na *live* do dia 05 de junho de 2020, dia do meio ambiente, cujo título é “Mensagens da Natureza: repercussões da pandemia no meio ambiente” e que contou com a mediação do prof. Josemar Pinzoh, e teve como convidados os profs. Juracy Marques e Artur Lima, ambos do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental (PPGECOH/UNEB), prof. Paulo Ramos, da UNIVASF, e Rosangela Botelho, do IBGE/ENCE. Nesta *live*, particularmente, os discursos se associam tanto àqueles que colocam a pandemia como resultado dos insultos que a humanidade faz à natureza, como também se associam aos discursos que dão ênfase aos aspectos do capitalismo, à concentração de riqueza, etc.

O ECuSS realizou nos anos de 2020 e 2021 um conjunto que mais de 40 *lives* (nome que se popularizou para nomear os eventos virtuais, online, através de recursos de streaming, podendo ser shows, aulas, debates, palestras, conferências). No conjunto, as falas sobre a pandemia que permearam essas *lives* podem ser perfeitamente associadas aos “blocos” discursivos que apresentamos aqui, com alguma variação.

UM ESPAÇO PARA UMA MEMÓRIA PARTICULAR DA PANDEMIA

Março de 2020

Os dias tinham passado voando, a correria do trabalho nem me deixou pensar muito no que estava acontecendo, mas os jornais só falavam disso: Um vírus mortal, que teve origem na China já estava em muitos países do mundo. Como auxiliar de sala em uma escola, eu ouvia rumores de que a escola podia fechar como as dos outros países, mas isso não aconteceria aqui em Juazeiro, a China é muito distante e os profissionais iriam conter essa doença antes de chegar aqui.

Era uma sexta-feira, fim de expediente no trabalho, boas vindas ao final de semana. Em casa, pronta pra assistir um filme, recebi uma mensagem da Secretaria da escola informando que por um decreto estadual para enfrentamento da pandemia a escola estaria fechada nos próximos 15 dias e que qualquer nova informação seria comunicada via aplicativo de celular. Aparentemente, era só um período de descanso de um ano letivo que tinha acabado de começar, as aulas estavam suspensas e todos estavam em suas casas com a mensagem de CUIDEM-SE! O que se seguiu foi uma movimentação muito rápida de cada departamento da cidade: o comércio fechou suas portas, os hospitais improvisaram novos espaços, as escolas fechadas, os idosos se trancaram dentro de suas casas e os números começaram a surgir.

Como no livro *Um diário do ano da peste*, as pessoas procuraram os diferentes lugares para se afugentar da doença: fazendas, barcos, chalés, casa de praia ou até os interiores. Eu fui uma dessas pessoas, sem estar trabalhando fui para um povoado no interior de Sento-Sé, chamado Piri e lá a realidade era outra.

Impressionantemente, o interior vivia como se a pandemia estivesse acontecendo em outro planeta, nem as recomendações básicas de enfrentamento da pandemia (quarentena, uso de máscaras e álcool 70) eram seguidas. A consequência disso era a total descrença na veracidade da pandemia. Enquanto isso, os números de pessoas mortas pelo vírus cresciam cada vez mais, os leitos de hospitais superlotavam e os medicamentos estavam custando um valor exorbitante. Países como o Brasil, que teve o azar de um presidente incrédulo à pandemia, sofreram de forma específica, já que muito poderia ser evitado se bem encaminhado. Em alguns momentos eu me senti aterrorizada, sem um governo, sem ter uma

perspectiva de melhora, pois as pessoas estavam morrendo aos montes e o presidente Jair Messias Bolsonaro insistia em dizer que era apenas um surto de gripe e que já ia acabar.

Nessas condições, a população do Brasil precisou se unir de alguma forma para tentar sobreviver à pandemia que prometia se prolongar por muito mais tempo. A internet, o maior canal de comunicação entre as pessoas no período da pandemia, promoveu e propagou ideias de solidariedade no Brasil e no mundo e as pessoas se ajudaram pra que fosse possível sobreviver à pandemia, pois o vírus já tinha alcançado e matado pessoas não só das cidades como também nos interiores. Ninguém estava mais seguro nem nos seus refúgios de fazendas ou casas reservadas.

O vírus chegou perto de mim quando a minha mãe foi contaminada, tive muito medo que ela sofresse ou tivesse complicações, mas Graças a Deus a minha mãe foi uma assintomática da doença. Entretanto, a pandemia ainda não tinha acabado e o ano de 2020 já estava caminhando para os últimos meses, o número de mortes estava diminuindo e algumas cidades estavam voltando a abrir suas ruas. Imprudentemente, planejei uma viagem com alguns amigos para o final de dezembro de 2020, arriscando ser contaminada com o vírus pelo prazer da viagem. Nessa mesma época, um tio muito querido chamado Moisés foi contaminado com o vírus e, ao contrário de minha mãe, ele teve alguns dos sintomas da doença, e por complicações no organismo dele a doença se agravou e evoluiu para um quadro grave. Eu já estava na viagem e o tio Moisés estava internado na Unidade de Terapia Intensiva. Foram dias tensos, de um lado, uma viagem que era pra ser divertida; do outro lado, uma situação preocupante provocada pela pandemia. Por um momento eu achei que a pandemia de covid-19 tinha acabado, quis acreditar que todo o sinistro tinha chegado ao fim, que as portas das cidades poderiam se abrir novamente e que tudo voltaria ao normal. Mas a verdade que eu não imaginava é que o normal nunca mais existiria, e que a pior coisa iria acontecer ainda naquela viagem.

No dia 31 de dezembro de 2020, o dia amanhecia em um hotel à beira-mar na cidade de Fortaleza, era pra ser um dia feliz, mas acordei com a mensagem mais triste e angustiante que eu poderia receber: O tio Moisés não resistiu.

Não me venha falar que a pandemia não existe se você não perdeu ninguém pra ela. O tio Moisés não conseguiu atravessar o terror da pandemia, eu sinto que ele ficou para trás, assim como tantas outras pessoas. Eu não pude pegar na sua mão e trazê-lo junto comigo. Eu não pude sobrevivê-lo. A pandemia de Covid-19 não foi e não é uma gripezinha, o

coronavírus arrastou e devastou países, como uma grande enchente que chega sem avisar e vai embora deixando destroços, lacunas e sequelas de quem sofreu por ela. Escrevo em memória do meu tio Moisés e por cada uma das pessoas que não conseguiram atravessar a linha de chegada. Não são e nunca foram apenas números.

CONCLUSÃO - LIÇÕES DAS PANDEMIAS

O acervo de materiais desta pesquisa, estudado e registrado aqui, apresentou eventos de grande morbidade na história da humanidade: uma peste negra, apelidada de bubônica e cuja propagação se dava através de ratos; a gripe espanhola, que devastou cidades inteiras e matou um número maior de pessoas do que as vítimas da primeira guerra-mundial; a varíola, que se instalou em muitos países, inclusive no Brasil e a pandemia atual, ainda em acontecimento, intitulada de Sars-cov-2 que causa a doença chamada de covid-19.

Cada uma dessas pandemias teve o seu espaço, causou os seus estragos e deixou as suas marcas. A humanidade foi atingida por esses acontecimentos e precisou aprender a lidar com eles. O que fica das pandemias são as escolhas que se fez durante os seus acontecimentos, as estratégias utilizadas para superá-las e as lições de tais eventos sinistros.

O estilo de vida da sociedade atual é dividido entre a vida antes e depois da pandemia de COVID-19. Só no Brasil, o coronavírus matou mais de meio milhão de pessoas, fechou estabelecimentos e refez o modo de vida das pessoas no planeta: encontros virtuais com fins comerciais, educativos, religiosos ou até no âmbito da saúde. É possível perceber que as pandemias deixaram os seus rastros de alguma forma. Vejamos agora quais as lições deixadas por cada uma dessas pandemias.

A peste negra ou bubônica, uma pandemia que devastou a região de Ásia à Europa e lutou com as ferramentas que tinha para conter o vírus. Naquela época, os avanços da ciência e da medicina ainda estavam engatinhando, os médicos da época eram os chamados “boticários” e os medicamentos eram plantas e ervas com fragrância forte, já que acreditavam que a causa da doença era o odor fétido que os pacientes exalavam. Por causa do grande número de mortos por causa da peste negra, o número de habitantes da Europa ficou reduzido, logo, a mão de obra nas empresas e fábricas era escassa. Esta grande necessidade de mão de obra para o trabalho, fez surgir alguns equipamentos tecnológicos, como impressoras, por exemplo. Além disso, o tipo de construção das casas também mudou, para impedir a proliferação dos ratos. As casas passaram a ser de pedra em vez de argila, o que apressou a modernização (NEUHAUS, 2020).

Outra pandemia citada aqui e que também deixou lições para as gerações seguintes foi a Gripe Espanhola, que definiu as medidas de higiene que conhecemos hoje. Para combater a Gripe Espanhola, estudiosos precisaram se reunir para solucionar o problema de todas as

mortes que vinham acontecendo. Esse período foi a ascensão da virologia (NEUHAUS, 2020).

A pandemia da varíola foi a responsável pelo desenvolvimento da vacina pelo médico inglês Edward Jenner. Gabriella Ponte (2020), na plataforma da FIOCRUZ, conta melhor essa história:

Em 1789, ele começou a observar que as pessoas que ordenhavam vacas não contraíam a varíola, desde que tivessem adquirido a forma animal da doença. O médico extraiu o pus da mão de uma ordenhadora que havia contraído a varíola bovina e o inoculou em um menino saudável, James Phipps, de oito anos, em 4 de maio de 1796. O menino contraiu a doença de forma branda e, em seguida, ficou curado. (PONTE, 2020, p.2)

Essa foi a primeira fase do experimento. Tendo descoberto o vírus de menor letalidade, Jenner partiu para a segunda fase dos testes, a imunização:

Em 1º de julho, Jenner inoculou no mesmo menino líquido extraído de uma pústula de varíola humana. James não contraiu a doença, o que significava que estava imune à varíola. Estava descoberta a primeira vacina com vírus atenuado que, em dois séculos, erradicaria a doença. (PONTE, 2020, p. 2)

Séculos mais tarde, Oswaldo Cruz desenvolveria essa vacina aqui no Brasil, a partir dos estudos do Edward Jenner. Essa foi a lição aprendida durante a pandemia da varíola.

Por último, temos a atual pandemia, causada pela doença COVID-19 que causou o distanciamento social e teve como principal medida de segurança, a quarentena, para impedir a propagação do vírus. Dessa forma, a pandemia da COVID-19 comungou na ascensão da tecnologia e das relações virtuais: salas de aula, tribunais de justiça, escritórios e até consultórios médicos funcionaram em formato de encontros virtuais, através de aplicativos que possibilitaram as vídeo-chamadas. A pandemia que foi causada pelo novo coronavírus mostrou que é possível diminuir o fluxo de transportes e pessoas nas ruas, diariamente. Diminuindo assim, a poluição atmosférica.

Soma-se a isso o afetamento da pandemia de COVID-19 no âmbito da educação, que aconteceu de forma repentina. Quando exposta à crise pandêmica, a sociedade precisou se desdobrar e buscar novas formas de continuar o curso da vida. Assim, as instituições de ensino recorreram ao ensino remoto que acontecia através de plataformas virtuais, foram idas e vindas tentando encontrar soluções para as demandas na área da educação: evasão escolar, falta de recursos tecnológicos, novas estratégias de ensino, currículos, tempo de aula e, principalmente, avaliação de desenvolvimento dos alunos. Paralelo a esses momentos, os discursos citados anteriormente atuavam e ancoravam ideologias que dificultavam o enfrentamento da pandemia. Pode-se imaginar que se as pessoas acreditassem na veracidade

do vírus, a propagação não teria tido tal proporção. Por isso, tem-se a história, para que os erros não sejam repetidos, para que novas estratégias sejam pensadas, o que não aconteceu. A rememoração de eventos sinistros anteriores nos faz crer na verdade do evento atual, essa busca pela história também podia ter partido da escola, através das salas de aulas virtuais, e não apenas em uma pesquisa de monografia.

Entretanto, o sinistro da pandemia trouxe algo de bom para a educação. O espaço da escola finalmente experimentou novos ambientes tecnológicos para o “fazer educação”. Na cidade de Juazeiro-BA, a Secretaria da Educação lançou um canal educativo na televisão, localizado na frequência 7.2 e chamado de *TV Escola*: um canal de cunho educativo, que foi utilizado como uma sala de aula para alfabetizar crianças, adolescente, jovens e adultos que se encontravam em defasagem quanto ao estudo. A TV regional teve um grande alcance e também cumpriu a função de reforço escolar para os estudantes do ensino básico. Dessa forma, a pandemia influenciou diretamente o andar da educação e foi palco para descobertas e novas estratégias de ensino-aprendizagem.

A nível de conclusão, é possível perceber que desde as antigas pandemias na história da humanidade, o homem sempre encontrou uma forma de registrar e contar em seu discurso o processo de como se deu o acontecimento. O discurso, nesses casos, teve grande influência no desdobramento da pandemia e do sistema sanitário da época, temos alguns exemplos: o discurso de “viva o SUS, viva a saúde” foi um grande propagador das boas novas da vacina, produziu uma valorização de todos os profissionais da saúde e uniu forças em prol de um bem muito maior; outro discurso foi o de que a pandemia de covid-19 foi uma invenção do governo, ou que era “só uma gripezinha”, ambos agiram contra o bom desdobramento da pandemia. Os dois tipos de discursos presentes nas pandemias alcançaram um povo carente e sensível pelo momento em que vivia, somando ao poder transformador de um bom discurso, os condutores destas ideias conseguiram feitos irreversíveis.

Diante do exposto, tem-se aqui além de um apanhado geral sobre as pandemias, o poder e o peso que o discurso carrega e como este foi usado em acontecimentos de grande morbidade. Vale ressaltar que a pandemia de covid-19 foi e continua sendo REAL, palpável e capaz de ser sentida em cada canto ou situação do planeta terra. Pessoas morreram ou perderam outras pessoas, não são apenas números, são vidas, amores da vida de alguém, que não conseguiram atravessar o campo da sinistra pandemia e ficaram para trás. O que fica é o que se conseguiu de cada pandemia, são os avanços da medicina, é o sistema único de saúde

do Brasil, o sistema de saneamento e segurança de cada país, os pontos positivos para serem repetidos, os fatores negativos para serem repelidos e a força que se consegue no coletivo. Que a história continue existindo e que nós sejamos parte de toda essa construção.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio et al. **Sopa de Wuhan**. – Livro digital: ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), março de 2020a.

AGAMBEN, Giorgio. et al: **Filosofia viral**. Editora Existente: Brasil, 2020b.

ANTUNES, Ricardo. **Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado**. Boitempo Editorial, 2020.

BUTLER, Judith. El capitalismo tiene sus limites. In: AGAMBEN, Giorgio. et, al. **Sopa de Wuhan: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias**. 1ª edição. Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio (ASPO), 2020a, p. 59-66.

CAMUS, Albert. **A Peste**. Rio de Janeiro: Ópera Mundi, 1971.

DAVIS, Mike et al. **Coronavírus e a luta de classes**. Terra sem Amos: Brasil, 2020.

DE SOUSA, Angélica Silva; DE OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 43, 2021.

DEFOE, Daniel. **Um Diário do Ano da Peste**. – 3ª ed. – Porto alegre: Artes e Ofícios, 2014.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Trilhas Urbanas, 2005.

FIOCRUZ. Vacinas: as origens, a importância e os novos debates sobre seu uso. 2016. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1263-vacinas-as-origens-a-importancia-e-os-novos-debates-sobre-seuuso?showall=1&limitstart=#:~:text=Foi%20em%201798%20que%20o,menor%20impacto%20no%20corpo%20humano>. Acesso em 07 de julho de 2022.

FRANCESCO, Papa. **Vida após a pandemia**. Vaticano: LibreriaEditrice Vaticana, Tradução: L'Osservatore Romano, 2020, p. 40.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GOMES, Laurentino. **Escravidão–Vol. 1: Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares**. Globo Livros, 2019.

GRAEML, Cristina. **Novo normal: a vida pós-pandemia #FalandoAbertamente**. Gazeta do Povo, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=02ckCXHgZVM&t=32s>>. Acesso em 15 de julho de 2022.

GREGOLIN, M. R. V. **A análise do discurso: conceitos e aplicações**. Alfa (São Paulo), v.39, 1995.

HARVEY, David. Política anticapitalista em tempos de COVID-19. In: DAVIS, Mike, et al: **Coronavírus e a luta de classes**. Brasil: Terra sem Amos, 2020, p. 13-24.

IAMARINO, Atila; **Variola, uma das maiores pandemias da história**. UNICAMP, 2009. Disponível em:

<https://www.blogs.unicamp.br/rainha/2009/06/variola_uma_das_maiores_pandem/>; Acesso em 21 de julho de 2021.

LESSA DE OLIVEIRA, C. **Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características**. Travessias, Cascavel, v. 2, n. 3, 2010. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3122>. Acesso em: 23 abr. 2022.

LIMA, Andressa; MORAES, Lorena. **A pandemia de covid-19 na vida de mulheres brasileiras: emergências, violências e insurgências**. Revista: INTER-LEGERE, Brasil, Vol. 3, n. 28, 2020.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. – Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual e Campinas, 3ª ed., 1997.

MORTE negra. Direção: Christopher Smith. Roteiro: Dario Poloni. Reino Unido, Irlanda do Norte, 2010. Drama, Mistério, Terror. 102 min.

NANCY, Jean-Luc. Exceção viral. In AGAMBEN, Giorgio. Et, al: **Filosofia viral**. Brasil: Editora inExistente, 2020b, p. 10-11.

NEUHAUS, ANDREAS. **Existe o lado bom de uma pandemia?**.Futurando, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VQPlnI1Cb8M>. Acesso em 16 de Julho de 2022.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. – 6ª ed. – Campinas, SP: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. – 4ª ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

PELLANDA, Lucia Campos. **Novo normal**. Panorama UFCSPA, Porto Alegre, p. 2, 2021.

PETITI, Santiago Lopéz. El coronavirus como declaración de guerra. In: AGAMBEN, Giorgio. et, al. **Sopa de Wuhan: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias**. 1ª edição. Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio (ASPO), 2020a, p. 55-58.

PINZOH, Josemar Martins. **Pesquisa-criação: um experimento com escrita docente autobiográfica**. – Salvador, BA: EDUNEB, 2012.

PIZZANI, Luciana et al. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 10, n. 2, p. 53-66, 2012.

PONTE, Gabriella. **Conheça a história das vacinas**. FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz, 2020. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1738-conheca-a-historia-das->

[vacinas#:~:text=Em%201789%2C%20ele%20come%C3%A7ou%20a,4%20de%20maio%20de%201796.](#). Acesso em 16 de Julho de 2022.

PRECIADO, B. Paul. Aprendiendodelvirus. In: AGAMBEN, Giorgio. et, al. **Sopa de Wuhan: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias**. 1ª edição. Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio (ASPO), 2020a, p. 163-185.

QUEIROZ, M. I. de P. O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha de técnicas: algumas reflexões. In: Lang, A.B.S.G., org. **Reflexões sobre a pesquisa sociológica**. São Paulo, Centro de Estudos Rurais e Urbanos, 1992. p. 13-29. (Coleção Textos; 2ª série, 3) apud PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Revista de saúde pública**, v. 29, p. 318-325, 1995.

RIBEIRO, Débora. **Significado de Discurso**. Dicio – Dicionário Online de Português, 2022. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/discurso/>>; Acesso em 13 de julho de 2022.

RONCHI, Rocco. A virtude do vírus. In: AGAMBEN, Giorgio, et, al: **Filosofia viral**. Brasil: Editora inExistente, 2020b, p. 25-30.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra, PT: EDIÇÕES ALMEDINA, S.A, 2020.

SCHUELER, Paulo. O que é uma pandemia. **Fundação Oswaldo Cruz – FIUCRUZ**. 2021. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1763-o-que-e-uma-pandemia>; Acesso em 15 de junho de 2022.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de. **A epidemia de gripe espanhola: um desafio à medicina baiana**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, n.4, out.-dez. 2008, p.945-972.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de. **A Gripe Espanhola na Bahia: saúde, política e medicina em tempos de epidemia** (Tese/Doutorado em História das Ciências da Saúde). – Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2007.

TROPICAIS, SONHOS. Direção e Produção: André Sturm. **Rio de Janeiro: Pandora Filmes**, v. 144, 2001. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=fieH3FqzrZ0>>; Acesso em 20 de janeiro de 2020.